

A Verdade sobre "The White Lie" (A Mentira Branca)

[Este documento foi preparado pela equipe do Patrimônio White em cooperação com o Instituto de Pesquisas Bíblicas e a Associação Ministerial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. Primeira publicação em agosto de 1982, revisado em janeiro de 1999].

Introdução

No final de 1980, uma pesquisa foi realizada por especialistas para descobrir, entre outras coisas, as diferenças entre a atitude e o comportamento cristãos de adventistas dos sétimo dia que lêem regularmente os livros de Ellen G. White e daqueles que não os lêem.¹ Os resultados foram muito reveladores. Daqueles que lêem os livros de Ellen White, 85% indicaram que têm um relacionamento íntimo com Cristo, comparado a 59% dos que não lêem. Dos leitores, 82% têm a certeza de estarem "em paz com Deus", enquanto que apenas 59% dos não leitores afirmaram isso. O estudo pessoal e diário da Bíblia foi apontado como sendo um hábito por 82% dos que lêem regularmente os livros de Ellen White, enquanto que apenas 47% dos que não liam Ellen White estudavam a Bíblia regularmente.

E assim prossegue categoria após categoria. Aqueles que regularmente tomavam tempo para ler os escritos de Ellen White sentiam-se melhor preparados para o testemunho cristão, envolviam-se mais no testemunho, sentiam-se mais à vontade com os demais membros da igreja, oravam mais, doavam mais para o trabalho evangelístico local, estavam mais dispostos a auxiliar seus vizinhos com problemas pessoais e também faziam o culto familiar mais regularmente. Resumindo, sua experiência religiosa era mais forte, mais ativa e mais positiva.

Os resultados dessa pesquisa apresentam um quadro totalmente diferente daquele descrito por Walter Rea em seu livro *The White Lie* (A Mentira Branca).² Na contracapa da edição encadernada, o autor compara o respeito dos adventistas do sétimo dia pelo dom profético de Ellen White ao trágico fascínio dos habitantes de Jonestown pelo seu demoníaco líder, Jim Jones. O livro passa então a descrever o que chama de "as profundezas das extensas ramificações daquela seita (o adventismo) ao longo dos últimos 140 anos e os milhões de almas que ela tem afetado." De fato, o livro diz ser "exatamente tão chocante no que iria expor quanto a horrível tragédia de Jonestown, onde apenas algumas centenas de pessoas estavam envolvidas e morreram." Como esta, muitas das afirmações do autor são tão carentes de consistência, ou tão rudes e sarcásticas que não têm peso algum.

Ellen White não é o único alvo de ataque em *The White Lie*. Ministros de todas as denominações são repetidamente caracterizados como "super-vendedores" ou "vendedores do sobrenatural." Esse tema permeia o livro:

Todos os super-vendedores vendem as vantagens das marcas que representam. No caso dos cultos e seitas é a marca do santo deles e o que é requerido por esse santo para a salvação. Nas maiores e mais antigas formas de religião, é o Plano da Cúpula, a religião da mãe, a fé dos pais, a verdadeira luz.³ []*

Crenças cristãs são ridicularizadas:

Quem nos etiquetou com o pecado? Teria sido Deus, ou aquela serpente que veio até Adão quando ele estava no paraíso? Ou o herdamos de nossos ancestrais de eras passadas? Ou será que o diabo, como Papai Noel, é nosso pai?⁴

O Céu é ridicularizado no trecho:

Em religião não se lida com muita freqüência (se é que alguma vez se lida) com a verdade pura, seja ela pequena ou grande. Lida-se com a verdade da forma que ela é filtrada, expandida, diminuída, limitada ou definida pelos "eu vi" de todas as Ellens da cristandade com uma grande ajuda dos líderes religiosos. O que emerge de tudo isso é que o mapa para essa vida e para a vindoura, se é que ela virá, é traçado pela cúpula – e assim se torna o Plano da Cúpula. O Céu torna-se o portão principal para o isolamento, onde tudo o que é mau, segundo o nosso conceito (o que, no caso da humanidade, significa os outros) é deixado de fora, e só nós, os bonzinhos, entramos. Assim formamos nosso próprio gueto.⁵

A religião é avaliada como sendo um pouco mais que um jogo de palavras:

Em muitas bibliotecas, a Religião está inserida na seção de Filosofia – e é isso o que ela é, a definição e redefinição de termos e idéias que têm desafiado as definições por séculos.⁶

A maneira como Deus trata com Seu povo é também desprezada:

Livres-pensadores sempre se meteram em apuros. No tempo de Moisés, se alguém fizesse uma fogueira por conta própria para preparar uma xícara de chá quente no sábado, era apedrejado, mas não no sentido moderno da palavra. Se perambulasse pela feira local no sábado nos dias de Neemias, corria o risco de ter sua barba arrancada ou sua cabeleira danificada. Mesmo nos tempos do Novo Testamento, se Ananias guardasse algumas moedas do dízimo para pagar o aluguel, o líder religioso local lhe diria que caísse morto – o que de fato ocorreu.⁷

Todavia, a despeito dos ataques de cunho emocional contra Ellen White, contra a Igreja Adventista do Sétimo Dia e contra as crenças cristãs de forma geral, o livro provê uma oportunidade para iluminar alguns recantos interessantes da história do adventismo do sétimo dia. Por causa do rápido crescimento da

Igreja Adventista do Sétimo Dia, sempre há muitos novos membros que não estão bem familiarizados com a vida de Ellen White. Eles apreciarão ter respostas precisas para as perguntas levantadas pelo livro. E também, visto que o livro recebeu atenção na mídia secular dos Estados Unidos, nossos irmãos de outras denominações merecem uma calma e justa avaliação do livro.

Aqueles que conhecem Ellen White através de uma ampla leitura de suas obras geralmente não precisarão mais do que provar um pouquinho da amargura de *The White Lie* para perceber quão distante ele é do espírito de Cristo, que tanto permeia os escritos de Ellen White. E, contudo, eles também poderão tirar proveito de informações adicionais sobre a vida e obra dela.

Não é nossa intenção aqui defender os atuais líderes da igreja, embora muitos deles tenham sido difamados no livro. E em relação a defender Ellen White, sugerimos que seus próprios escritos oferecem a melhor defesa. Mas aproveitamos essa ocasião para discutir as questões mais importantes levantadas pelo livro *The White Lie* e relatar os resultados de pesquisas feitas em vários campos que estão relacionados a estas questões.

O uso de fontes literárias

Um olhadela em *The White Lie* revela muitas páginas com paralelismos entre os escritos de Ellen White e obras de outros autores. O quanto Ellen White emprestou de outras fontes?

Em 1982, quando *The White Lie* foi publicado, havia mais de 70 livros de Ellen White impressos, somando-se mais de 35.000 páginas.⁸ Embora haja algumas repetições nos livros, há também 50.000 páginas datilografadas de cartas, sermões, diários e manuscritos arquivados no Patrimônio White e nos oito centros de pesquisa ao redor do mundo. Assim, em comparação com o volume total dos escritos de Ellen White, a quantidade de material que ela emprestou ainda parece ser bem pequena.

Por outro lado, representantes da igreja declararam que a quantidade de empréstimos era maior do que tinham tido conhecimento anteriormente.⁹ No Patrimônio White, pesquisas sistemáticas têm sido feitas sobre esse assunto, e de tempos em tempos, mais paralelismos são encontrados. A revista *Ministry (Ministério)*, uma publicação voltada para o corpo ministerial da igreja, recentemente dedicou um número especial para um resumo amplo e honesto sobre a questão do uso de fontes por Ellen White.¹⁰

No entanto, a quantia de empréstimos não é a questão mais importante. Um paralelo esclarecedor é encontrado na relação entre os evangelhos. Mais de 90% do evangelho de Marcos tem paralelismo com passagens de Mateus e Lucas. Mesmo assim, estudiosos contemporâneos de crítica bíblica têm chegando à conclusão de que embora Mateus, Marcos e Lucas tenham usado materiais em comum, cada um pode com justiça ser considerado um autor

distinto dos outros.¹¹ Desse modo, até os expoentes da “alta crítica” têm uma abordagem mais analítica do estudo de fontes literárias do que o livro *The White Lie*.

Numa certa época, na infância da crítica textual, os expoentes da alta crítica achavam que os escritores dos evangelhos não passavam de meros plagiadores que copiavam e colavam uns dos outros. Agora os estudiosos da crítica textual percebem que o estudo literário não está completo até que eles ultrapassem a mera catalogação de passagens paralelas e passem para a questão mais significativa de como o material emprestado foi utilizado por cada autor para fazer seu próprio relato singular.

Esperamos que o estudo dos empréstimos literários de Ellen White vá além da mera anotação de paralelos literários e da discussão de que quantidade de empréstimos literários é aceitável, para a questão mais importante dos usos singulares que a Sra. White, sob a direção do Espírito Santo, deu aos materiais que ela adaptou.

As pessoas do século 19 teriam concordado com a opinião do livro *The White Lie* sobre os empréstimos literários de Ellen White constituírem um roubo “por atacado”?¹²

Alguns teriam, especialmente os críticos. Por exemplo, em 1889, os pastores protestantes de Healdsburg, Califórnia, convidaram D. M. Canright, um ministro adventista recém-apostatado, para ir ao Michigan e fazer algumas palestras contra os adventistas e Ellen White. Nessas palestras, Canright levantou a acusação de plágio contra Ellen White; os pastores adventistas William Healey e J. N. Loughborough responderam à acusação, mostrando onde Canright tinha exagerado em sua exposição. Quando o debate terminou, os pastores opositores publicaram sua versão da história no jornal local, acusando Ellen White de plágio.¹³ Mas esses pastores dificilmente agiram como juízes imparciais. Por séculos, a acusação de plágio tem sido a arma favorita contra líderes religiosos – John Bunyan e John Wesley foram ambos vigorosamente acusados.¹⁴

No século 19, o plágio era conhecido e condenado, mas a paráfrase sem dar o crédito do autor era amplamente utilizada. O humorista americano Mark Twain certa vez cogitou se haveria “em qualquer pronunciamento humano, oral ou escrito, algo além de plágio!”¹⁵ Edgar Allan Poe não agiu tão calmamente sobre esse assunto. Ele causou um alvoroço considerável ao acusar Longfellow de plágio. Ironicamente, estudiosos modernos descobriram que o próprio Poe também plagiou.¹⁶ Empréstimos literários são muito mais facilmente definidos e condenados na teoria do que evitados na prática real.

Ainda mais próximo de Ellen White estava Urias Smith, que condenou o plágio do poema de sua irmã Annie,¹⁷ enquanto em seus próprios escritos sobre profecias fez livre uso de palavras parafraseadas de George Storrs e Josias Litch.¹⁸ Smith não estava com isso sendo hipócrita. Ele, assim como outros

escritores do século 19, simplesmente traçavam a linha entre o plágio e o legítimo empréstimo literário num ponto diferente do que muitos traçariam hoje em dia.

Há rumores de que Ellen White foi ameaçada de processo por causa de seus empréstimos literários do livro de Conybeare e Howson, *Life and Epistles of the Apostle Paul*. O que há de real nisso?¹⁹

Apesar da lembrança equivocada de A. G. Daniells em relação a isso, Ellen White nunca foi acusada de plágio pelos autores ingleses Conybeare e Howson, não foi ameaçada de processo, nem seu livro foi recolhido por causa das críticas sobre o uso de fontes. Na década de 1890, uma carta foi escrita para a editora Review and Herald por uma das muitas editoras norte-americanas de Conybeare e Howson, a T. Y. Crowell Co. de Nova Iorque, perguntando sobre a obra *Sketches From the Life of Paul*. Grandes quantias do livro de Conybeare e Howson tinham sido adquiridos anteriormente da Crowell Co. para serem dadas como prêmio para aqueles que fizessem assinaturas da revista *Signs of the Times*. W. C. White, a única fonte de informação a respeito dessa carta, ressaltou que ela foi escrita com um “espírito amigável”, e não continha “nenhuma ameaça de processo nem qualquer reclamação sobre plágio”.²⁰

Quando a companhia Crowell foi interpelada sobre a questão 30 anos depois, eles responderam:

*Publicamos o livro de Conybeare Life and Epistles of the Apostle Paul, mas o mesmo não é protegido por direitos autorais, portanto não teríamos nenhuma base legal para mover uma ação contra seu livro, e não achamos que jamais tenhamos levantado qualquer objeção ou feito qualquer alegação como essa que vocês mencionam.*²¹

Assim como muitos livros de Ellen White, *Sketches From the Life of Paul* ficou esgotado por algum tempo enquanto ela trabalhava na ampliação da obra para formar o livro *The Acts of the Apostles (Atos dos Apóstolos)*, mas colocando de lado especulações maldosas e lembranças equivocadas, não há evidências de que isso tenha algo a ver com qualquer suposta crítica do uso por Ellen White de Conybeare e Howson.

Sobre a questão da legalidade do empréstimo literário, o advogado Vincent Ramik, que não é adventista do sétimo dia, investigou o uso de fontes por Ellen White de acordo com as leis e casos relacionados a direitos autorais no século 19. Ele concluiu que o uso por Ellen White não constituiria pirataria literária, *mesmo que todos os livros de onde ela extraiu trechos tivessem legalmente direitos autorais.*²²

E sobre similaridade entre a estrutura e títulos de capítulos da obra de Ellen White *Patriarcas e Profetas* e a de Alfred Edersheim, *Old Testament Bible History?*²³

É fácil criar uma falsa impressão olhando para similaridades superficiais. Um exame mais detido mostra que de 73 títulos de capítulos de *Patriarcas e Profetas*, apenas nove deles são, ou idênticos aos do livro de Edersheim, ou apenas diferem pelo acréscimo ou exclusão do artigo "o"/"a". Além disso, nesses nove incluem-se títulos muito comuns, como "A Criação", "O Dilúvio", "A Destruição de Sodoma", "O casamento de Isaque" e "A Morte de Saul".

A natureza enganosa da comparação é até mais óbvia quando se descobre que no livro de Edersheim não existem títulos de capítulos como tais. Em vez disso, há até meia dúzia ou mais frases de resumo indicando o assunto de cada capítulo. E é a partir dessas frases de resumo que foram tirados os supostos "títulos" paralelos. Além disso, a ordem dos capítulos é realmente estabelecida pela ordem em que as histórias aparecem no Antigo Testamento.

E quanto às ilustrações da obra de Wylie, *History of Protestantism*, que a Pacific Press publicou sem dar crédito à Companhia Cassell?²⁴

Este é um caso em que *The White Lie* recicla uma acusação feita na década de 1930 pelo ex-adventista E. S. Ballenger em seu periódico, *The Gathering Call*.²⁵ Na época, a acusação foi sepultada ao se salientar que W. C. White trocou extensa correspondência com a companhia britânica Cassell, Petter e Galpin, a fim de adquirir os direitos autorais das ilustrações em questão.

Uma carta escrita para Henry Scott em 7 de abril de 1886 mostra o típico cuidado de W. C. White com relação a esse assunto. Ele aconselhou Scott, que estava publicando literatura adventista na Austrália, a entrar em contato com o agente da Companhia Cassell em Melbourne, a fim de comprar os direitos das ilustrações pertencentes àquela companhia. "Quando se coloca os créditos de onde as ilustrações foram tiradas, como tem sido feito pela *Present Truth* (o periódico adventista britânico), eles dão um desconto de 40%". No entanto, ele continuou dizendo, "Eu não gosto da idéia de prometer colocar crédito em cada figura." Fica claro, dessa forma, que ele era a favor da compra definitiva dos direitos autorais das ilustrações.

Embora todos os registros das negociações da Pacific Press com os editores tenham sido destruídos pelo incêndio de 1906, eles certamente estavam dentro dos seus direitos se seguiram a preferência de W. C. White a respeito desse assunto. Não podemos chegar a conclusão alguma partindo do fato de que as iniciais do artista aparecem em algumas ilustrações da obra de Wylie e não constarem no livro *O Grande Conflito*, porque não sabemos de que maneira a Pacific Press recebeu as gravuras da Companhia Cassell. É perfeitamente possível que a Companhia tenha removido as iniciais do artista em razão de algum acordo prévio com o próprio artista antes do envio do material à Pacific Press.²⁶

E quanto ao uso que Tiago e Ellen White fizeram dos escritos de J. N. Andrews e Urias Smith?²⁷

W. C. White sintetizou habilmente o ponto de vista dos pioneiros sobre esse assunto:

*Todos sentiam que as verdades a serem apresentadas eram de propriedade comum, e no que um pudesse auxiliar o outro ou obter auxílio do outro na expressão das verdades bíblicas, era considerado algo correto fazer isto. Conseqüentemente, houve muitas declarações excelentes da verdade presente copiadas de um autor por outro. E ninguém dizia que o que ele escreveu era exclusivamente seu.*²⁸

Ellen White explicou seu próprio uso de outros autores adventistas na introdução da obra *O Grande Conflito*, onde ela diz que “narrando a experiência e perspectivas dos que levam avante a obra da Reforma em nosso próprio tempo” ela havia feito uso dos escritos deles de uma maneira semelhante ao uso feito com a linguagem dos historiadores.²⁹ Dessa forma, Tiago White utilizou Urias Smith, assim como Ellen White utilizou Tiago White. Fora do círculo adventista, o famoso escritor histórico Charles Adams utilizou o historiador Merle D'Aubigne, assim como Ellen White utilizou Charles Adams.³⁰

Ellen White fazia alguma tentativa de esconder dos adventistas seu empréstimo literário?³¹

Não, pelo contrário, ela incentivava livremente a leitura dos mesmos livros dos quais ela fazia empréstimos:

*Considero *The Life of St. Paul* de Conybeare e Howson uma obra de grande mérito e de extrema utilidade para o sério estudante da História do Novo Testamento.*³²

Em outra ocasião ela escreveu:

*Forneça algo para ser lido durante estas longas noites de inverno. Para quem puder obter, a obra *History of the Reformation* de D'Aubigne será tanto interessante quanto vantajosa.*³³

Fica claro que a Sra. White não tentou esconder nada, ou não teria recomendado os próprios livros de onde, na época, ela estava escolhendo material.

Por outro lado, ela em geral não chamava atenção especial para seu uso de outros autores, exceto no periódico da década de 1870 *Health Reformer*, onde, ao escrever sua coluna mensal e selecionar material para republicação destinado a um público não-adventista, ela regularmente citava outros autores, dava crédito a eles e até recomendava que os leitores lessem esses livros.³⁴

A Sra. White achava que lhe era permissível parafrasear a linguagem de outros?

Sim, de fato, em uma carta a sua secretária, Fannie Bolton, ela uma vez deu uma ilustração esclarecedora de seu conceito sobre a posse da verdade. Fannie, de tempos em tempos, sentia que a Sra. White não lhe havia dado o devido crédito pelo trabalho que ela havia feito editando os materiais da Sra. White no processo de prepará-lo para publicação.

Em visão, Ellen White viu “Fannie apanhando frutas, algumas maduras, as melhores, algumas ainda verdolengas. Ela as punha em seu avental e dizia ‘Isso é meu. É meu’. Eu disse, ‘Fannie, certamente você está reivindicando a posse daquilo que não é seu. Essas frutas pertencem àquela árvore. Qualquer um pode apanhá-las e desfrutar delas, mas elas pertencem àquela árvore.’”³⁵ Esse conceito da árvore sugere que Deus é o autor e proprietário de toda a verdade, assim como a árvore é a autora e proprietária de seus frutos. Deus indistintamente provê a verdade a todos que irão recebê-la e utilizá-la.

A Sra. White explicou o uso similar que Cristo fazia de conceitos familiares:

Ele foi o originador de todas as antigas gemas da verdade. Através da obra do inimigo, essas verdades haviam sido deslocadas do engaste.... Cristo as resgatou do entulho do erro, deu-lhes uma nova força vital e ordenou-lhes que brilhassem como jóias, e ficassem firmes para sempre.

*Cristo poderia utilizar ele mesmo qualquer uma dessas antigas verdades sem emprestar a menor partícula, pois Ele as havia originado a todas.*³⁶

Nos últimos anos de sua vida, quando ela soube que estavam sendo levantadas questões quanto a se o fato de ela ter copiado de outros autores era uma infração dos direitos autorais deles, ela perguntou: “Quem foi prejudicado?”³⁷ Significativamente, essa era a mesma pergunta que era feita pelos tribunais de seu tempo para determinar se o empréstimo era correto.³⁸ Se ela estivesse escrevendo nos dias de hoje, talvez sua abordagem fosse diferente, mas ela deve ser julgada pelos conceitos de propriedade literária e legalidade correntes em seus dias.

E quanto às declarações onde a Sra. White parece reivindicar uma fonte divina exclusiva para o que ela escreveu?³⁹

Essa é uma pergunta pertinente e muito importante. Em 1867 ela escreveu: “Minhas visões foram escritas independentemente de livros ou da opinião de outros.”⁴⁰ Mas quando a declaração é colocada dentro de seu contexto, encontrado na *Review and Herald* de 8 de outubro de 1867, descobre-se que ela estava se referindo a seus escritos iniciais sobre saúde. Após esses escritos, ela nos diz, neste mesmo artigo, que leu livros de vários reformadores da saúde e então começou a publicar trechos deles no *Health: or How to Live*. Por quê? Ela diz que foi para mostrar como as informações dadas a ela em visão foram também compreendidas por outros hábeis escritores do assunto.

Foi também no contexto daqueles escritos iniciais sobre saúde que ela disse:

*Embora eu seja tão dependente do Espírito do Senhor para escrever minhas visões como para recebê-las, todavia as palavras que emprego ao descrever o que vi são minhas...*⁴¹

Nesse trecho fica claro que ela está fazendo uma distinção entre as palavras que ela tem de arranjar e as que são divinamente ditadas. Uma vez que ela descreveu sua visão a respeito do comprimento apropriado para roupas femininas com diferentes linguagens em diferentes ocasiões, algumas mulheres questionaram sua visão. Ela teve então de explicar que, com exceto em raros casos, as visões não forneciam as palavras exatas para ela descrever o que havia visto.

Em outra parte ela escreveu:

*Não escrevo um artigo sequer, na revista, expressando meramente minhas próprias idéias. Eles são o que Deus me revelou em visão – os preciosos raios de luz que brilham do trono.*⁴²

Essa declaração foi feita em um longo artigo em resposta a acusações procedentes de Battle Creek de que suas advertências à igreja eram meramente opiniões baseadas em boatos que ela havia ouvido. A Sra. White negou essa acusação de forma franca e direta. Ela afirmou sua profunda convicção de que as mensagens que dava eram mensagens do Céu. Isto não exclui o fato de que elas ocasionalmente poderiam conter conceitos ou palavras provenientes daquilo que ela lia; mas mesmo em tais casos, era o Espírito Santo que a convencia da verdade e do valor daquilo que ela estava lendo.

Ainda em outra ocasião ela escreveu:

*Não tenho tido o hábito de ler qualquer artigo doutrinário publicado na revista, para que minha mente não tenha qualquer compreensão das idéias e conceitos de ninguém, e para que o molde das teorias de qualquer homem não tenha conexão alguma com aquilo que escrevo.*⁴³

Mais uma vez, o contexto é essencial para a compreensão. Essa carta foi escrita no período em que G. I. Butler e E. J. Wagonner estavam engalfinhados num debate acirrado a respeito do significado de “lei” em Gálatas. Nesse ponto crucial, em que ela deveria aconselhar a ambos, Ellen White evitava ler os artigos de natureza doutrinária na revista [*The Signs of the Times*] para que seu conselho não tivesse o molde nem das teorias de Wagonner nem das de Butler.

As declarações da Sra. White sobre a fonte de seus escritos referem-se consistentemente à autoridade última por quem ela fala, e não às “muitas

maneiras” pelas quais o Senhor se comunicou com ela, nem à ajuda que recebeu para expressar as verdades divinas. Por que ela não disse mais sobre seu uso de fontes? Talvez porque tenha percebido o quanto as pessoas eram inclinadas a ver os elementos humanos em seus escritos como prova de que esses escritos eram apenas a opinião dela, e não mensagens divinas. *The White Lie* é um testemunho eloqüente da dificuldade contínua que muitas pessoas têm em reconhecer a união dos elementos humano e divino nos escritos inspirados.

Como pode ser que a Sra. White tenha empregado palavras de outros autores ao descrever o que ela via em suas visões?⁴⁴

Provavelmente a Sra. White lia uma passagem impressionante num livro e mais tarde, enquanto em visão, o Senhor chamava sua atenção para a mesma verdade, aplicando essa verdade a uma necessidade específica em sua própria vida ou na vida da igreja. Em tais casos, ela poderia facilmente expressar uma parte do que lhe foi mostrado utilizando uma linguagem parafraseada de outro autor. Sabemos de cerca de seis casos onde isso parece ter ocorrido.⁴⁵

Uma experiência semelhante ocorreu ligada à visão do “iceberg”. A Sra. White leu a respeito do acidente de um navio que se chocou com um iceberg. Então, vários anos depois, durante uma visão, um navio tornou-se o símbolo da igreja e o iceberg o símbolo da oposição e das heresias do Dr. John Harvey Kellogg e de seus partidários.⁴⁶ Assim como nos casos em que a Sra. White utilizou palavras de outros autores para descrever, em parte, o que havia visto em visão, aqui um evento dramático sobre o qual ela havia lido proporcionou ao Senhor um veículo simbólico para transmitir a ela a verdade.

É válida a comparação entre o uso de fontes literárias na Bíblia e nos escritos de Ellen White?⁴⁷

Sim, se discernimos o que está em questão. O empréstimo literário que autores bíblicos faziam não tem nenhuma relação com o fato de os empréstimos literários serem ou não eticamente apropriados no século 19, pois os conceitos de propriedade literária eram diferentes nos tempos bíblicos. No entanto, o empréstimo literário na Bíblia refere-se à questão da *inspiração*. Em outras palavras, se a pergunta é se escritores genuinamente inspirados podem empregar fontes literárias não-inspiradas, então podemos olhar para a Bíblia em busca de resposta para essa pergunta. E quando o fazemos, descobrimos que os escritores bíblicos usaram fontes ao escreverem sob a direção do Espírito Santo.⁴⁸

The White Lie argumenta invalidamente que se os escritores dos evangelhos tivessem feito tantos empréstimos literários quanto Ellen White eles teriam emprestado cada um dos versos escritos nesses livros. Esse argumento é baseado na declaração de que o leitor encontraria “mais de 400 referências a 88 escritores no livro *O Grande Conflito*”.⁴⁹ Quando W. C. White forneceu esses dados, ele estava se referindo à edição revisada de 1911 de *O Grande Conflito*.

Na época, Ellen White instruiu suas assistentes literárias a procurar na referida obra citações de outros autores e colocar as referências correspondentes. As assistentes literárias não tentaram com isso especificar a origem das citações utilizadas pela Sra. White, mas sim onde os leitores mais recentes poderiam encontrá-las. Na realidade, a Sra. White extraiu de menos autores do que o número de referências parece sugerir, pois em muitos casos, um único autor utilizado por ela já havia ele mesmo utilizado diversas outras fontes anteriormente.⁵⁰

OS PIONEIROS E A PROFETISA

Que tipo de autoridade os pioneiros da igreja adventista atribuíam a Ellen White? Eles acreditavam que ela era inspirada?⁵¹

Em realidade, os próprios pioneiros deveriam falar por si mesmos. Dos 16 “testemunhos” trazidos por *The White Lie*, dois são declarações feitas por outros indivíduos (Andrews e Clough), um não tinha conhecimento direto a respeito do que estava falando (House) e muitos não expressam ou sequer deixam implícita alguma descrença na inspiração de seus escritos (Starr, Lacey e Tiago e Ellen White). Um estava simplesmente errado (Colcord) e quanto aos porta-vozes da Associação Ministerial de Healdsburg, eles se demonstraram oponentes hostis desde o princípio. Fannie Bolton fez diversas declarações conflitantes e A. G. Daniells e Urias Smith são mal representados porque seus “testemunhos” consistem apenas de comentários isolados. Contrariamente à afirmação do livro *The White Lie* de que esses indivíduos foram “na maioria dos casos” cortados da igreja após terem feito estas declarações, não mais que três dos 16 foram excluídos por razões relacionadas às suas crenças.

Nem os pioneiros, nem qualquer outra pessoa jamais afirmou que cada linha escrita por Ellen White era inspirada. Ela mesma disse que o “sagrado” e o “comum” deveriam ser distinguidos e que havia ocasiões em que precisava escrever sobre assuntos cotidianos e relacionado a negócios.⁵² De forma consistente com a declaração da Sra. White de que estava escrevendo, somente com base em sua memória, o esboço autobiográfico, *Spiritual Gifts*, vol. 2, já foi dito que a Sra. White “não afirmou ter recebido auxílio divino ao tentar reconstruir a história da sua vida ou ao recontar os acontecimentos que tiveram lugar em sua casa ou durante as suas viagens”.⁵³

Urias Smith teve alguns períodos de dúvida quanto ao dom profético de Ellen White?

Sim. Um deles é refletido numa carta escrita a D. M. Canright.⁵⁴ Mas mesmo enfrentando algumas lutas ao ser reprovado, ele levou a sério as advertências e logo tomou firme posição sobre a integridade e valor dos escritos da Sra. White. Em uma ocasião ele explicou aos adventistas de toda parte como ele quase resvalou, mas conseguiu se firmar:

*Tem sido bastante comentado, creio, em alguns lugares, o fato de que o editor da Review tem estado perturbado com a questão das visões, não está seguro sobre o assunto, e certa vez chegou bem perto de rejeitá-las. Isso me parece pouca coisa para ser tido em muita conta – “chegou bem perto de rejeitá-las” – mas não o fez! Eu também, em certa ocasião, cheguei bem perto de ser atropelado pelos carros e me transformar em gelatina; mas não fui, e por isso estou vivo até hoje. Alguns passaram por esta catástrofe. A diferença entre eles e eu é que eles foram atropelados, e eu, não. Alguns rejeitaram as visões. A diferença entre eles e eu é a mesma – eles rejeitaram, e eu, não.*⁵⁵

Smith reconheceu que houve épocas em que as “circunstâncias pareciam muito confusas”, mas o peso da evidência em sua mente nunca “pendeu para o lado da rejeição” e ele afirmou sua posição de confiança nas visões.

Dizem que J. N. Andrews duvidou do dom profético de Ellen White porque ele percebeu algumas similaridades entre o poema épico de Milton, *Paradise Lost* (O Paraíso Perdido) e os escritos dela. Teria Ellen White feito empréstimos dessa obra? E J. N. Andrews duvidou do dom profético?⁵⁶

Em 1858, após ouvir um relato de Ellen White sobre sua visão do grande conflito, J. N. Andrews perguntou se ela já tinha lido o poema épico de Milton. Ela assegurou que não, e então ele a presenteou com uma cópia do livro. Isso não era uma atitude incomum. Em diversas ocasiões o intelectual Andrews ofereceu livros como presente à família White. Significativamente, embora o livro *The White Lie* alegue vez após vez que Ellen White fez empréstimos de Milton, o livro não provê evidência palpável para tal afirmação. Estudos de especialistas notaram alguns pensamentos similares, mas nenhuma dependência literária.⁵⁷

Quanto a J. N. Andrews, logo no início de sua experiência ele percebeu que seus pais e os familiares de sua esposa eram críticos de Tiago e Ellen White, e, numa confissão comovente, disse:

*Minha influência contra as visões não tem consistido numa multiplicidade de palavras contra elas. ... Mas confesso que não as tenho defendido e dado testemunho em seu favor.*⁵⁸

Mais tarde, após ter passado algum tempo no lar da família White e visto a angústia e as lágrimas com as quais eram escritos os conselhos e advertências, ele escreveu:

*Minhas convicções de que os Testemunhos da irmã White são de origem celeste foram fortalecidas pela oportunidade que tive de observar a vida, a experiência e os labores desses servos de Cristo.*⁵⁹

Pouco tempo depois ele escreveu sobre a importante contribuição dada pelos testemunhos:

*A obra deles é unir o povo de Deus num mesmo pensamento e numa mesma compreensão sobre o significado das Escrituras. O simples julgamento humano, sem instrução direta do Céu, nunca pode trazer à superfície a iniquidade escondida, nem resolver as sombrias e complicadas dificuldades da igreja, nem impedir interpretações diferentes e conflitantes das Escrituras. Seria realmente muito triste se Deus não pudesse mais conversar com Seu povo.*⁶⁰

Como todos nós, os pioneiros eram pessoas que, em sua fraqueza humana, às vezes lutavam com o orgulho e a dúvida, assim como fazemos hoje, mas, com raras exceções, aqueles que conheceram melhor Ellen White passaram a crer firmemente em sua inspiração.

A. G. Daniells aparentemente foi criticado em seu tempo por não ter sido um defensor muito forte do ministério de Ellen G. White. Qual era a atitude dele?⁶¹

A fé e a confiança do Pr. Daniells permaneceram inabaláveis até a hora de sua morte. Na Assembléia da Associação Geral de 1922 ele foi de fato criticado por alguns que acreditavam que a inspiração de Ellen White era verbal e inerrante, mesmo nos menores detalhes.⁶² Daniells não tinha esta visão rígida. Ele ficou muito magoado pelo que consideravam ser críticas falsas e infundadas sobre sua posição com relação a Ellen G. White.

Pouco antes de sua morte em 1935, ele lembrou a experiência que ocorreu em março de 1903, um dia ou dois antes da abertura da Sessão da Conferência Geral em Oakland, Califórnia. Ele se referiu à crise em Battle Creek e a sua agonia de alma ao orar a Deus em busca de evidências de Seu apoio na "terrível batalha que estava diante de nós". Ele relatou a luta mental pela qual passou naquela noite:

*Finalmente, caíram sobre mim essas palavras: "Se você permanecer ao lado da Minha serva até que o sol dela se ponha num céu brilhante, Eu estarei ao seu lado até a última hora do conflito. ..." Eu virei para o lado e não pude mais falar com Deus. Eu estava vencido. E embora eu tenha cometido erros, Deus tem permanecido ao meu lado, e eu nunca rejeitei aquela mulher ou questioneei sua lealdade, que eu saiba, daquela noite até hoje. Oh, essa foi para mim uma feliz experiência, que me ligou ao maior caráter que já viveu nesta dispensação. Isso é tudo o que posso dizer.*⁶³

Qual foi o papel de H. Camden Lacey na preparação do livro *O Desejado de Todas as Nações*?⁶⁴

Lacey começou a afirmar que ele foi o primeiro adventista a advogar enfaticamente a idéia de que o Espírito Santo era uma pessoa, e que foi por meio de sua influência que Ellen White passou a se referir ao Espírito Santo como "He" (ele, usado para pessoas) ao invés de "it" (ele, usado para objetos,

animais, seres inanimados). Lacey estava errado nesse ponto, pois a Sra. White usou o pronome pessoal "He" para referir-se ao Espírito Santo na primeira edição do *Caminho a Cristo*, publicado em 1892, ocasião em que Lacey ainda era um estudante em Battle Creek e bem antes da Sra. White ou suas assistentes literárias se familiarizarem com ele.⁶⁵

Na época em que o *Desejado de Todas as Nações* estava sendo preparado, Lacey estava com 25 anos; ele estava na Escola de Avondale como professor, não de Bíblia, mas de matemática, ciências naturais e elocução.⁶⁶ Ele próprio, em resposta a uma pergunta, escreveu que sua única contribuição na preparação de *O Desejado de Todas as Nações* foi ajudar no arranjo das sentenças ou parágrafos, ou na escolha de alguma palavra mais apropriada nos primeiros dois ou três capítulos:

Nunca, em tempo algum, ocorreu alguma alteração do pensamento, ou a inserção de alguma idéia que já não estivesse expressa no texto original. O texto resultante era sempre submetido à irmã White para que ela desse sua aprovação final.

*O texto total de O Desejado de Todas as Nações como está agora impresso, afirmo que é, portanto, produto da mente e do coração da irmã White, guiada pelo bom Espírito de Deus. E a "edição" foi meramente técnica.*⁶⁷

Em outro trecho da carta ele deixa claro seu entendimento a respeito do livro:

*Alegremente e de todo o meu coração aceito O Desejado de Todas as Nações como um livro inspirado; de fato, eu o considero a mais espiritual biografia de Cristo, fora dos evangelhos, que já foi dada à Sua igreja... Tenho dezenas de trechos extraídos desse maravilhoso livro e de outros escritos da Sra. White. Eu os avalio como sendo produto do mesmo "Espírito de Profecia" indicado nas Escrituras. E milhares dos meus ouvintes nas igrejas e salas de aula podem dar testemunho disto.*⁶⁸

Será que a falha em compreender a verdadeira natureza da inspiração foi uma das razões pelas quais algumas pessoas no passado questionaram se era correto o uso que Ellen White fez de fontes literárias e o fato de ela haver feito revisões em seus escritos?⁶⁹

Cristãos conservadores têm mantido duas visões gerais em relação à natureza da inspiração. A mais comumente utilizada – chamada de inspiração verbal – prende-se ao princípio de que o Espírito Santo inspira as palavras exatas da mensagem enviada por Deus. Para muitos, isso significaria que um escritor verdadeiramente inspirado não recorreria a fontes não-inspiradas nem teria a necessidade de fazer revisões na mensagem, pois, no conceito deles, uma mensagem ditada pelo Espírito estaria na forma exata preferida por Deus.

Outros cristãos acreditam que o conteúdo da Bíblia indica que o Espírito Santo inspira a pessoa, e só em algumas ocasiões especifica as palavras que ela deve

usar. O Espírito Santo imbuí a mente do escritor com os pensamentos ou mensagens que deseja transmitir (2Pe 1:21). Este ponto de vista é às vezes descrito como inspiração de idéias. Sob a guia contínua do Espírito, o profeta fala ou escreve com suas próprias palavras, de acordo com sua habilidade, o que lhe foi comunicado (cf. 1Sm 3:11-18) ou mostrado (cf. Ap 1:10-11). Dessa forma, ele pode ser levado a extrair de escritos de outras pessoas para expressar de maneira mais eficiente o significado da mensagem (cf. Tt 1:12, 13). Às vezes ele pode até reescrever ou reformular uma mensagem anterior para torná-la mais clara e mais vigorosa (cf. Jr 36:32).

Este ponto de vista sobre o processo da revelação-inspiração era defendido pelos pioneiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia. No entanto, uma falha em captar as implicações desta posição levou alguns obreiros posteriores a entender mal os procedimentos utilizados por Ellen White na produção de seus escritos. Uma visão mais ampla da doutrina bíblica da inspiração teria evitado a perplexidade deles naquela época, e a evitará hoje, para os membros atuais da igreja. Declarações de W. C. White, que auxiliava sua mãe no trabalho de publicação, expressam tanto a posição de Ellen White quanto a da igreja, sobre inspiração:

Minha mãe nunca fez reivindicações à inspiração verbal, e não vejo que meu pai, ou o Pastor Bates, Andrews, Smith ou Waggoner as fizessem. Caso houvesse inspiração verbal ao ela escrever seus manuscritos, por que haveria de sua parte o trabalho de acréscimo ou de adaptação? Verdade é que Mamãe muitas vezes toma um de seus manuscritos e o lê atentamente, fazendo acréscimos que desenvolvem ainda mais o pensamento.⁷⁰

Você se refere à declaração que lhe enviei relacionada com a inspiração verbal. Essa declaração [p. 7] feita pela Conferência Geral de 1883⁷¹ estava em perfeita harmonia com as crenças e posições dos pioneiros em relação a esse assunto, e era, imagino, a única posição defendida por nossos ministros e professores até que o Prof. [W. W.] Prescott, diretor do Battle Creek College [1885-1894], apresentou vigorosamente outra idéia – a idéia mantida e apresentada pelo Prof. Gausen [provavelmente Louis Gaussen, um clérigo suíço (1790-1863) que defendia que a Bíblia foi verbalmente inspirada.] A aceitação dessa idéia pelos estudantes do Battle Creek College e por muitos outros, incluindo Haskell, trouxe para nós questionamentos e perplexidades sem fim e que estão sempre aumentando.

A irmã White jamais aceitou a teoria de Gausen acerca da inspiração verbal, quer da maneira aplicada a sua própria obra, quer da maneira aplicada à Bíblia.⁷²

Onde podemos encontrar um bom exemplo do ponto de vista dos pioneiros a respeito do dom profético de Ellen White?

No Adventist Book Center (www.adventistbookcenter.com) está disponível o livro *The Witness of the Pioneers Concerning the Spirit of Prophecy*, uma

reimpressão fac-símile de artigos de periódicos e panfletos escritos pelos contemporâneos de Ellen G. White.

ELLEN WHITE E A BÍBLIA

Os adventistas do sétimo dia fazem de Ellen White o padrão final e infalível de toda fé e prática adventista?⁷³ A Igreja mudou sua posição sobre o assunto em anos mais recentes?

A Igreja não mudou sua posição, a despeito da imprecisão de alguns indivíduos na tentativa de explicar a posição da Igreja. A Igreja hoje mantém a mesma posição defendida pelos pioneiros. Na Sessão da Conferência Geral de Dallas em 1980, foi adotada uma *Declaração de Crenças Fundamentais* que diz o seguinte:

Um dos dons do Espírito Santo é a profecia. Este dom é um sinal identificador da Igreja remanescente, e foi manifestado no ministério de Ellen G. White. Como a mensageira do Senhor, seus escritos são uma contínua e autorizada fonte de verdade que proporciona conforto, orientação, instrução e correção à Igreja. Eles também tornam claro que a Bíblia é a norma pela qual deve ser provado todo ensino e experiência. (ênfase acrescentada)

A declaração acima coloca claramente a Bíblia como o padrão e norma da fé e prática adventista. Os escritos de Ellen White devem ser julgados por esse padrão.

Os adventistas consideram Ellen White "canônica"?

Não. O "cânon" é a coleção de livros que compõe a Bíblia. Os adventistas do sétimo dia crêem que o cânon foi encerrado com o último livro do Novo Testamento. Ellen White se expressou muito claramente sobre o assunto:

1. *Durante os primeiros vinte e cinco séculos da história humana não houve nenhuma revelação escrita.*
2. *O preparo da Palavra escrita iniciou-se no tempo de Moisés.*
3. *Esse trabalho prosseguiu durante o longo período de mil e seiscentos anos. . . .*
4. *Esse trabalho prosseguiu . . . até João, que registrou as mais sublimes verdades do evangelho.*
5. *A conclusão do Antigo e Novo Testamentos marca o encerramento do cânon das Escrituras.*⁷⁴

Em conexão com as declarações acima, Ellen White também observa como o Espírito Santo fala fora do Cânon Sagrado:

Durante os séculos em que as Escrituras do Velho Testamento bem como as do Novo estavam sendo dadas, o Espírito Santo não cessou de comunicar luz a mentes individuais, independentemente das revelações a serem incorporadas

*no cânon sagrado. A Bíblia mesma relata como mediante o Espírito Santo, os homens receberam advertências, reprovações, conselhos e instruções, em assuntos de nenhum modo relativos à outorga das Escrituras. E faz-se menção de profetas de épocas várias, de cujos discursos nada há registrado. Semelhantemente, após a conclusão do cânon das Escrituras, o Espírito Santo deveria ainda continuar a Sua obra, esclarecendo, advertindo e confortando os filhos de Deus.*⁷⁵

Podemos dizer de maneira inequívoca que a Igreja nunca considerou os escritos de Ellen White como canônicos e não acredita nisso hoje. Afirmamos, por outro lado, que ela falou sob a mesma inspiração do Espírito Santo que os escritores da Bíblia tiveram. Os pioneiros falaram a respeito desse ponto repetidas vezes:

Tiago White: *A Bíblia é uma revelação perfeita e completa. É nossa única regra de fé e prática. Mas isso não é razão para que Deus não mostrasse o cumprimento passado, presente e futuro de Sua palavra nestes últimos dias por meio de sonhos e visões, de acordo com o testemunho de Pedro. Visões verdadeiras são dadas para nos guiar a Deus e à Sua Palavra escrita.*⁷⁶

Urias Smith: O princípio protestante de "A Bíblia, e a Bíblia somente" é em si mesmo bom e verdadeiro; e estamos fundamentados nele tão firmemente quanto podemos; mas quando ele é reiterado em conexão com denúncias abertas das visões, tem uma aparência enganosa para o mal. Assim usado, ele contém uma insinuação dissimulada, eficientemente calculada para torcer a opinião dos incautos, fazendo-os acreditar que crer nas visões é abandonar a Bíblia, e que apegar-se à Bíblia é descartar as visões. ... Quando afirmamos estar fundamentados na Bíblia e na Bíblia somente, nos comprometemos a receber, inequívoca e plenamente, tudo o que a Bíblia ensina.⁷⁷

A inspiração de Ellen White é igual à da Bíblia?

Sua inspiração é igual em *qualidade* [p. 8] à inspiração da Bíblia, mas a *função* e *propósito* da inspiração de Ellen White são diferentes dos da Bíblia. Um paralelo é encontrado nas Escrituras. O profeta Natã era tão completamente inspirado quanto o rei Davi, mas a inspiração de Natã tinha uma função diferente da de Davi. Os escritos inspirados de Davi tornaram-se parte do cânon das Escrituras. A inspiração de Natã não resultou em algum escrito canônico.

Alguém pode não fazer diferença na qualidade da inspiração porque a inspiração ou está presente ou ausente, dessa forma várias manifestações dela não podem ser distinguidas por graus. O Espírito Santo foi tão cuidadoso na superintendência das mensagens inspiradas de Natã quanto dos escritos de Davi, mesmo que, em harmonia com o propósito divino, apenas estes últimos fossem incorporados ao cânon.

Os escritos de Ellen White não funcionam como um padrão ou norma de doutrina. A Bíblia exerce essa função. Nesse sentido, Ellen White não tem autoridade *doutrinária* igual à da Bíblia.

A QUESTÃO DA INFABILIDADE

Diz-se que Ellen White cometeu vários erros. Nós afirmamos que ela é infalível?

Não, e nem Ellen White reivindicou ter “infalibilidade”. Por exemplo, quando ele foi criticada por ter falado o número errado de quartos em um sanatório – 40 ao invés de 38 – ela disse:

*Nunca me foi revelado o número exato de quartos de qualquer de nossos sanatórios; e o conhecimento que tenho obtido dessas coisas, tive indagando dos que se esperava que soubessem. Em minhas palavras, quando falando acerca desses assuntos comuns, não há nada que leve os espíritos a crer que recebo meu conhecimento em visão do Senhor e o estou declarando como tal.*⁷⁸

Ellen White também reconheceu que não era infalível em seu comportamento pessoal. Ela escreveu certa vez a seu esposo:

*Quero que o eu esteja oculto em Jesus. Quero que o eu seja crucificado. Não reivindico infalibilidade ou mesmo perfeição de caráter cristão. Não estou livre de erros e equívocos em minha vida. Se eu tivesse seguido meu Salvador mais de perto, não precisaria lamentar tanto minha falta de semelhança com Sua querida imagem.*⁷⁹

Relacionada a isto, encontramos na Bíblia uma experiência digna de nota em Atos 21. O apóstolo Paulo foi especialmente chamado a pregar entre os gentios. Pelo fato de ele não incluir a lei cerimonial judaica em sua pregação, havia alguns cristãos judeus que olhavam para ele com suspeita. Ao retornar a Jerusalém após uma bem-sucedida viagem missionária entre os gentios, ele foi persuadido a emprestar sua influência para a observância de certos ritos cerimoniais que não eram mais requeridos, a fim de apaziguar seus críticos. Ellen White fez o seguinte comentário significativo, que ela sem dúvida aplicaria também a si mesma:

*Ele não foi autorizado por Deus para fazer tal concessão. Essa atitude não estava em harmonia com seus ensinamentos, nem com a firme integridade de seu caráter. Seus conselheiros não foram infalíveis. Embora alguns desses homens escrevessem sob a inspiração do Espírito de Deus, quando não estavam sob sua influência direta, às vezes cometiam erros.*⁸⁰

W. C. White não reivindicou infalibilidade para sua mãe em relação a detalhes históricos e datas:

*Nalgumas das questões históricas, como as que são realçadas em Patriarcas e Profetas, Atos dos Apóstolos e em O Grande Conflito, as partes principais foram tornadas muito claras e evidentes para ela, e quando passou a escrever sobre esses assuntos, teve de estudar a Bíblia e a História, a fim de obter datas e relações geográficas e completar sua descrição dos pormenores.*⁸¹

W. C. White também escreveu:

*Quanto aos escritos de minha mãe e seu uso como autoridade sobre pontos de História e cronologia, Mamãe nunca desejou que nossos irmãos os considerassem como autoridade no tocante a pormenores da História ou de datas históricas.*⁸²

Em suma, Ellen White não reivindicou estar acima de erros ao escrever sobre assuntos comuns ou de negócios que não envolviam conselhos e mensagens do Senhor. Ela reconheceu que não era infalível em sua vida pessoal e seu filho não pensava que ela deveria ser usada como uma autoridade sobre detalhes incidentais em seus escritos históricos. É verdade evidentemente que ela nunca usou o termo “infalível” para referir-se a si mesma ou a seus escritos em qualquer contexto, mas reivindicava que as mensagens que dava lhe eram dadas pelo Senhor.⁸³

Que dizer de erros que se diz que ela teria cometido, não apenas em história, mas em ciências, saúde, teologia e exegese?⁸⁴

Difícilmente compreendemos como era a situação mais de cem anos atrás, quando Ellen White escreveu nas áreas de saúde, ciência e nutrição.⁸⁵ Quando ela falou de *malignidade* em relação ao fumo em 1864, alguns reformadores de saúde concordaram com ela, mas alguns médicos estavam receitando, para moléstias do pulmão, que se fumassem charutos. Como ela soube que posição tomar? Quando ela falou sobre os profundos efeitos da influência pré-natal em termos semelhantes aos pronunciamentos da ciência hodierna, a ciência sabia pouco ou nada sobre o assunto. Enquanto ela estava enfatizando a prática de exercícios físicos e ar puro para os inválidos, muitos médicos estavam receitando quartos fechados e repousos prolongados. Seus conselhos em relação à poluição do ar, ao efeito da dieta na circulação sanguínea, ao uso do sal, ao álcool, à relação mente-corpo e a outros assuntos, têm sido vindicados pelas pesquisas modernas. Todas estas declarações foram consideradas por alguns críticos como erros quando ela os escreveu.

Por causa de dificuldades e discrepâncias, há aqueles que se opõe à moderna voz profética. E há também aqueles que procuram “erros” na Bíblia. Sobre este assunto, Ellen White encontrou uma valiosa gema da verdade num sermão de Henry Melvill. Sob a guia do Espírito Santo, ela resgatou aquela gema e a preservou para nós:

*Mesmo todos os erros não causarão dificuldade a uma alma, nem farão tropeçar os pés de alguém que não fabrique dificuldades da mais simples verdade revelada.*⁸⁶

Tentar provar que todos os supostos “erros” nos escritos de Ellen White não são realmente erros, não é um exercício muito proveitoso. Se um crítico a acusa de dez erros, e se prova que esses dez não são erros, o crítico encontrará outras 15 alegações. Cada um deve decidir por si mesmo se o peso da evidência sustenta ou derruba a reivindicação que Ellen White faz de possuir o dom profético.

No estudo de passagens difíceis, tanto da Bíblia quanto de outros escritos inspirados pelo Espírito Santo, é bom fazer as seguintes perguntas: Realmente compreendo o contexto, significado e importância da declaração do autor inspirado? Compreendo plenamente as evidências que estão em aparente conflito com a declaração inspirada? Podem as duas informações ser harmonizadas? Posso razoavelmente [p. 9] esperar que virá uma compreensão melhor a partir de mais estudos, experiências ou iluminação divina? A questão pode ser deixada sem solução? Para aqueles que escutam, o Espírito Santo fala claramente por meio dos escritos inspirados, a despeito de ocasionais dificuldades que podem parecer surgir.⁸⁷

AS VISÕES

A Sra. White sofreu um ferimento na cabeça na infância e ataques de enfermidades durante toda a sua vida. Suas visões poderiam estar relacionadas com seus ferimentos ou doenças? Elas poderiam ter sido causadas por hipnose, mesmerismo ou epilepsia?⁸⁸

A tentativa de desacreditar a obra do Espírito Santo atribuindo as visões a causas naturais é tão antiga quanto a própria Bíblia. Afinal de contas, os milagres do Pentecostes foram atribuídos à embriaguez. Se alguém rejeita a crença numa fonte divina para as visões, é de se esperar que sejam buscadas explicações naturais.

Cedo na experiência de Ellen White, alguns acharam que suas visões eram resultado de mesmerismo, uma forma primitiva de hipnotismo. Ela estava apenas começando seu trabalho como mensageira do Senhor, e a próxima vez que ela sentiu o poder de Deus vindo sobre ela, ela começou a duvidar e resistir à visão. Ela foi reprovada e ficou muda por 24 horas. Na visão seguinte foi-lhe mostrado seu “pecado de duvidar do poder de Deus”, e lhe foi dito que esta era a razão de ela ter ficado muda. “Após isso”, diz ela, “nunca mais duvidei ou por um momento resisti ao poder de Deus, não importasse o que outros pensassem a meu respeito”.⁸⁹

Alguns que questionaram suas visões, começando com D. M. Canright em 1887, atribuíram-nas a ataques epiléticos, notando que havia similaridade entre ambos. Quando as visões começavam, ela perdia a força; mais tarde, no

decorrer da visão, ela a recuperava, exibindo às vezes força sobre-humana. Durante as visões ela não respirava. Seus olhos ficavam abertos, mas ela não reconhecia as pessoas ao redor. Porque essas experiências físicas lembram remotamente ataques epiléticos, os críticos têm sugerido que suas visões não eram realmente visões.

F. D. Nichol, em seu livro *Ellen G. White and Her Critics*, faz a seguinte pergunta: "Como um profeta deve se comportar em visão?" Ele nota que, pelo fato de os profetas serem pessoas, possuem sistema físico e nervoso, e como uma visão não é um estado normal, é de se esperar que certas experiências fora do normal ocorram.⁹⁰

Daniel experimentou uma perda de força, e depois uma grande força. Ele ficou mudo e não havia fôlego nele (Dn 10). Balaão entrou em um "transe", tendo seus "olhos abertos" (Nm 24). O efeito sobre João foi que ele "caiu como morto" (Ap 1:17). Quando Saulo de Tarso teve sua primeira visão ele "[caiu] por terra" (At 9). Após uma visão, Zacarias, pai de João Batista, ficou "mudo" (Lc 1). Às vezes os críticos da Bíblia também têm tentado explicar as visões como sendo o resultado de doença mental.

Um aspecto característico de ataques epiléticos contínuos é a chamada "diminuição da capacidade mental". Simplificando, a mente fica enfraquecida com essas ocorrências repetidas. Estima-se que Ellen White teve por volta de 200 visões públicas e cerca de 1800 sonhos proféticos. As visões públicas nos primeiros anos foram acompanhadas por fenômenos físicos. Se não fossem visões, mas ataques epiléticos, esperaríamos uma deterioração mental ao longo dos anos. Não encontramos nenhuma evidência desse tipo. Pelo contrário, houve um desenvolvimento observável das capacidades dela. Ela fala de saúde melhor em anos posteriores do que na sua juventude. Milhares de páginas de material manuscrito não contêm nenhuma evidência de um declínio progressivo de sua capacidade.

Além disso, onde encontramos um único exemplo de alguém cujos freqüentes ataques epiléticos o habilitaram a guiar uma igreja tão sabiamente e aconselhar as pessoas de maneira tão útil? O que realmente importa, afinal de contas, é a mensagem transmitida pelas visões, não a maneira específica na qual Deus transmite a mensagem.

Qual a relação entre as primeiras visões de Ellen White e as que foram dadas a William Foy e Hazen Foss?⁹¹

William Ellis Foy (1818-1893) e Hazen Little Foss (1819-1893) também receberam visões antes do Desapontamento de 1844. Ambos viveram para ouvir Ellen White relatar suas primeiras visões e reconheceram que o que ela descreveu eles haviam visto também.

Ellen White, quando jovem, tinha ouvido um sermão de Foy em Portland, Maine, em algum ponto entre 1842 e 1844. Não se sabe muito sobre ele,

embora pesquisas recentes confirmem que ele foi um negro criado próximo de Augusta, Maine. Ele é freqüentemente confundido com Foss, mas, diferentemente de Foss, Foy contou suas visões e publicou as duas primeiras num panfleto. Ele nunca sentiu que havia ofendido o Espírito de Deus, e continuou a trabalhar como um ministro da Igreja Batista Livre por muitos anos. Uma pequena biografia pessoal foi publicada junto com o relato das duas primeiras visões em 1845, em um panfleto intitulado *The Christian Experience of William E. Foy Together with the Two Visions He Received in the Months of Jan. and Feb. 1842*. De acordo com J. N. Loughborough, foi uma terceira visão, em 1844, que Foy não conseguiu compreender, e que ele mais tarde ele ouviu Ellen White relatar. Tanto quanto se sabe, essa terceira visão nunca foi publicada.

Hazen Foss, de forma similar, recebeu uma visão antes do Desapontamento, mas se recusou a relatá-la. Quando lhe foi dito que a visão lhe fora tirada, ele temeu as conseqüências e convocou uma reunião na qual tentou recordar a visão, mas não conseguiu. Ele ouviu Ellen White relatar a mesma visão em princípio de 1845 e declarou a ela sua experiência. Embora se tenha pensado por muitos anos que Foss era parente do cunhado de Ellen White,⁹² foi apenas por volta de 1960 que a exata relação tornou-se conhecida por meio de registros genealógicos.⁹³ Hazen era o irmão mais jovem de Samuel Hoyt Foss, que se casou com a irmã mais velha de Ellen White, Mary, em 1842.

Tanto Hazen Foss como William Foy reconheceram as visões dadas a Ellen White como sendo as mesmas que eles receberam, e desde que o Senhor pretendia originalmente que um desses homens fosse Seu mensageiro profético para a igreja remanescente, haveria, com certeza, paralelos entre as visões deles e as de Ellen White. Embora algumas dessas semelhanças possam ser vistas entre as visões publicadas de Foy sobre o céu, e as de Ellen White, existem tantas diferenças marcantes que a alegação do livro *The White Lie* de que suas visões são "quase uma cópia carbono" das de Foy é um grande exagero.

A Sra. White prometeu responder às perguntas dos Drs. Stewart, Sadler e outros, e então, após receber as perguntas, "convenientemente" teve uma visão instruindo-a a não fazer isso?⁹⁴

Em 30 de março de 1906, a Sra. White [p. 10] escreveu um testemunho dirigido "Àqueles que Estão Perplexos Quanto aos Testemunhos Relacionados à Obra Médico-missionária".⁹⁵ Nele, ela diz que foi dirigida pelo Senhor a solicitar àqueles que tivessem perplexidades e objeções em relação aos testemunhos, que os escrevessem e os entregassem àqueles que desejavam remover as perplexidades.

Em 3 de junho de 1906, a Sra. White escreveu a respeito de uma visão que tinha recebido alguns dias antes, na qual estava falando perante um grupo de pessoas, respondendo a perguntas sobre sua obra e escritos. Ela declarou:

*Fui instruída por um mensageiro celestial para não assumir o fardo de acolher e responder a todas as questões e dúvidas que estão sendo colocadas em muitas mentes.*⁹⁶

Essas duas declarações, escritas com mais ou menos dois meses de diferença, são utilizados como evidência de que as "revelações" da Sra. White poderiam com freqüência ser convenientemente arranjadas com o propósito de proteger seus interesses. Um exame dos eventos daquele período, no entanto, lança uma luz considerável sobre a aparente reversão do convite da Sra. White para que fizessem perguntas.

Após receberem o testemunho da Sra. White, muitas pessoas reagiram à solicitação dela e enviaram suas perguntas ao seu escritório. Uma revisão da correspondência de Ellen White nos meses seguintes dá evidências de que ela realmente levou essas perguntas a sério. As perguntas variavam do ridículo e trivial àquelas que mereciam uma resposta cuidadosa e estudada. Em uma carta dirigida a amigos em 15 de junho de 1906 ela escreveu:

*Cartas cheias de perguntas estão continuamente se abarrotando sobre nós. ... Se eu puder apresentar às pessoas os fatos do caso, como são, isso pode salvar alguns de naufragarem na fé. As mais frívolas perguntas me têm sido enviadas em relação aos Testemunhos dados a mim por Deus.*⁹⁷

Os arquivos do Patrimônio White contêm mais de 30 cartas escritas por Ellen White entre abril e outubro de 1906, lidando com questões levantadas a respeito das várias fases de sua obra. Além destas, foram publicados artigos na *Review and Herald*.⁹⁸ Algumas das cartas e declarações feitas são aqui relacionadas:

Carta 170, 13 de junho de 1906, em relação às palavras "eu", "nós", etc., nos testemunhos;

Carta 206, 14 de junho de 1906, sobre o que é inspirado (cada palavra? cada letra?);

Palestra (DF #247), 26 de junho de 1906, sobre o relacionamento de W. C. White para com a obra de Ellen White;

Carta de 28 de junho de 1906, sobre o título "profetisa";

Carta 225, 8 de julho de 1906, sobre a redação e envio dos testemunhos.

Pode-se notar que todas essas respostas, de fato, 80 por cento das que estão no arquivo, foram escritas após a visão de 25 de maio, na qual ela foi instruída a não responder a tudo o que se dizia e às dúvidas.⁹⁹ A Sra. White outra vez recapitulou a questão dos prédios de Chicago,¹⁰⁰ embora já tivesse tratado deste assunto em 1903.

Nem todas as perguntas foram respondidas pela Sra. White. Algumas foram encaminhadas para sua equipe, a quem ela orientou que procurassem declarações passadas sobre os assuntos para responder às críticas. W. C. White escreveu em 13 de julho de 1906:

*Por muitos dias o irmão Crisler tem estado vasculhando o que foi escrito em anos passados em relação a contratos e acordos. Penso que ele será capaz de submeter à minha mãe sua coleção de manuscritos no início da próxima semana.*¹⁰¹

Isso estava em plena harmonia com o convite original da Sra. White onde ela pede que "tudo seja escrito e enviado *àqueles* que desejam remover as perplexidades."¹⁰² (ênfase acrescentada).

Duas pessoas que enviaram um grande número de perguntas foram o Pr. William S. Sadler e o Dr. Charles E. Stewart. As perguntas do Dr. Stewart acabaram sendo publicadas sob o título *A Response to an Urgent Testimony from Mrs. Ellen G. White*, mais tarde mencionado como "O Livro Azul." Escrevendo ao Dr. Stewart sobre seu conjunto de objeções, W. C. White explicou a razão pela qual algumas perguntas não receberam resposta pessoal da Sra. White:

*Mas aquela porção do documento dirigida a ela que toma a forma de um ataque à sua integridade e obra, ela encaminhará aos irmãos para que a respondam, porque por muitos anos ela tem sido instruída de que não é parte legítima de seu trabalho responder aos inúmeros e violentos ataques que têm sido feitos a ela por seus críticos e pelos inimigos de sua obra.*¹⁰³

Essa foi a atitude consistente da Sra. White desde o início de seu ministério.¹⁰⁴ Uma razão pela qual algumas questões nunca foram respondidas pelo escritório de Ellen White é que a Comissão da Associação Geral havia publicado recentemente (maio de 1906) uma refutação das acusações feitas por A. T. Jones contra o Espírito de Profecia, detalhando as respostas a muitas das mesmas questões.¹⁰⁵

O fato de que a Sra. White se ocupou em responder a objeções *após* receber a visão de 25 de maio, indica que aquelas instruções não cancelavam sua solicitação anterior. O que então quer dizer a segunda visão? Exatamente o que ela diz:

Fui instruída por um mensageiro celestial para não assumir o fardo de acolher e responder a todas as questões e dúvidas que estão sendo colocadas em muitas mentes. (ênfase acrescentada.)

Ellen White não devia sentir que era seu dever se esforçar para responder às infundáveis perguntas de questionadores que não aceitariam respostas. Referindo-se ao mesmo conselho divino, ela escreveu em 17 de julho de 1906:

Fui agora instruída de que não devo ser atrapalhada em minha obra por aqueles que se envolvem em suposições relacionadas à natureza desta, cujas mentes estão lutando com tantos problemas intrincados relacionados à suposta obra de um profeta. Minha tarefa inclui a obra de um profeta, mas não termina aí. Inclui muito mais que as mentes daqueles que estão semeando as sementes da descrença podem compreender.

Em resposta ao trabalho do inimigo na mente humana, devo semear a boa semente. Quando forem levantadas perguntas sugeridas por Satanás, eu as removerei se puder. Mas aqueles que se apegam a coisas sem importância fariam melhor em educar a mente e o coração para se apegar as grandes e salvadoras verdades que Deus deu por meio da humilde mensageira, em vez de se tornar canais por onde Satanás pode comunicar dúvidas e questionamentos.

Permitir que sejam criados espantalhos que têm de ser atacados é uma das coisas mais inúteis que alguém pode fazer. É possível alguém se educar para tornar-se agente de Satanás, passando adiante suas sugestões. Tão logo uma dessas sugestões é afastada, outra é proposta.

Fui instruída a dizer: "O Senhor não deseja que minha mente seja assim empregada."¹⁰⁶

Ellen White finalizou a carta com uma declaração sugerindo que os problemas que cercavam sua obra eram resultado da concentração nas palavras, em vez de na mensagem de seus escritos – a mesma dificuldade em relação ao uso dos escritos inspirados que é vista em nossos dias: "Cada vez mais quero apresentar a mensagem ao povo na linguagem das Escrituras. Então, se alguém apresentar objeções, o problema dessa pessoa vai ser com a Bíblia."¹⁰⁷ [p. 11]

A PORTA FECHADA

Por um período os pioneiros acreditaram que a porta da graça tinha sido fechada em 1844. Foi mostrado à Ellen White uma visão específica de que isso era verdade?¹⁰⁸

O período conhecido como da porta fechada na história adventista é ao mesmo tempo fascinante e complexo. Para compreendê-lo realmente é necessário um conhecimento completo dos eventos de 1844 e dos anos seguintes a essa data. O fato de que os primeiros adventistas a princípio concluíram que a porta da graça tinha se fechado para o mundo em 22 de outubro de 1844 e que a primeira visão de Ellen White parecia sustentar este conceito tem sido utilizada por mais de cem anos contra ela por pessoas que procuram prejudicar a confiança em seu trabalho.

Imediatamente após a passagem da data em 1844, os adventistas que acreditavam que a profecia tinha se cumprido só puderam concluir que o

período de graça para o mundo tinha se encerrado em 22 de outubro. As zombarias sacrílegas e o sarcasmo das pessoas mundanas deram credibilidade a essa conclusão. Mesmo que a jovem Ellen Harmon aparentemente crese a princípio que suas visões confirmavam a posição da porta fechada, ela mais tarde percebeu que este não era o caso. No entanto, ela continuou afirmando consistentemente que a porta fora fechada para aqueles que resistiram às suas convicções honestas rejeitando a mensagem de advertência. Enquanto isso, referências feitas aos 144.000 logo em sua primeira visão deram ampla pista sobre um avanço evangelístico ainda futuro.

Em 1874, em resposta às acusações feitas a esse respeito, ela declarou: "Nunca, porém tive uma visão de que não se converteriam mais pecadores."¹⁰⁹ Os escritores pioneiros também foram claros a esse respeito. Dessa forma, Uriah Smith escreveu dois anos depois:

*As visões nunca ensinaram o fim do tempo da graça no passado ou o encerramento do dia da salvação para os pecadores, chamado por nossos oponentes de doutrina da porta fechada.*¹¹⁰

O raiar da luz, no princípio de 1845, a respeito da mudança no ministério sacerdotal de Cristo no santuário celestial ocorrido em 1844, proveu uma solução para o problema. Os pioneiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia, procurando a luz, viram uma porta que se fechou e outra que se abriu quando Cristo assumiu seu ministério no Lugar Santíssimo do santuário celestial. Esta verdade que se desdobrava permitiu que nossos precursores mantivessem sua confiança na liderança de Deus em sua experiência passada, captando o conceito da grande missão que ainda estava à sua frente.

Ellen White, que passou pela experiência, explicou esta transição da compreensão no seu livro de 1844, *The Spirit of Prophecy*, vol. 4, no capítulo intitulado "Uma porta aberta e uma fechada" e em *O Grande Conflito*, publicado alguns anos mais tarde, no capítulo intitulado "No Santo dos Santos". Ler o capítulo 22, "Profecias Alentadoras", e no capítulo 23, "O Santuário Celestial, Centro de Nossa Esperança" nos fornece um contexto esclarecedor a respeito do tema. Ellen White também deu explicações úteis em 1883 num documento reproduzido em *Mensagens Escolhidas*, livro 1, capítulo 5, "Explicação de Antigas Declarações".

Assistentes Literários

Com mais de 1000 livros em sua biblioteca na época de seu falecimento, como poderia ter a Sra. White lido e feito empréstimos de todos eles? Não teriam seus assistentes literários feito alguns dos empréstimos por ela?¹¹¹

O fato é que neste estágio da pesquisa sobre este projeto, há menos de 100 livros dos quais existam evidências sólidas de empréstimo literário. Em muitos casos a evidência envolve apenas uma única breve passagem. *The White Lie*

fornece ou alega paralelos com apenas cerca de 35 fontes específicas. Porém, não há simplesmente nenhuma razão para supor que Ellen White fosse incapaz de ler todos os livros dos quais se alega que ela fez empréstimos. É fato que ela era muito ocupada, mas fazia bom uso do seu tempo.

Além do mais, não existe nenhuma evidência de que os assistentes literários tenham sido responsáveis por colocar materiais de outros autores nos escritos de Ellen White. "Existe uma coisa que nem mesmo o mais competente editor pode fazer," escreveu Marian Davis, "e é preparar um manuscrito antes que seja escrito".¹¹²

É verdade que algumas sentenças de James Wylie aparecem no capítulo sobre Huss no livro *O Grande Conflito*, que não se encontram no rascunho manuscrito.

Ellen White extraiu extensivamente de Wylie naquele rascunho manuscrito, mas não sabemos quantos estágios escritos a mais foram feitos naquele capítulo. Além disso, o manuscrito editado foi enviado imediatamente a Ellen White para sua aprovação.

Ellen White faleceu antes que o livro *Profetas e Reis* fosse completado. Não seria esse livro um exemplo de onde os assistentes literários fizeram empréstimos por ela?

De maneira alguma. Em seu artigo "A história de *Profetas e Reis*"¹¹³ Arthur L. White cita extensivos trechos da correspondência de Clarence Crisler, que prestou assistência literária a Ellen White para o livro *Profetas e Reis*. Essas cartas, escritas na ocasião em que a obra estava em andamento, indicam que nestas questões espirituais a mente da Sra. White permaneceu lúcida até o fim. Os dois últimos capítulos que ainda não estavam totalmente terminados por ocasião de seu falecimento, foram completados, não recorrendo a outros autores, mas a partir de manuscritos que a própria Sra. White havia escrito anteriormente e deixado arquivados.

Alguns dos assistentes literários de Ellen White voltaram-se contra ela e a criticaram?¹¹⁴

A única assistente literária a criticá-la foi Fannie Bolton. Todos os documentos e cartas conhecidas relacionadas a sua experiência com Ellen White estão agora publicadas sob o título *The Fannie Bolton Story: A Collection of Source Documents*.

Ellen White ficou preocupada com a imaturidade espiritual da Srta. Bolton desde a primeira vez que a empregou. Durante o período em que trabalharam juntas, sua experiência foi muito instável. Fannie criticou a Sra. White e depois, em mais de 12 ocasiões, escreveu "confissões" sobre seu procedimento errado. Apesar de tudo isso, a paciência da Sra. White era tão grande que ela continuou empregando Fannie durante muitos desses ciclos de críticas e

confissões, e nas ocasiões em que de fato a despediu, acabou contratando-a de novo. Até que por fim, Fannie deixou de trabalhar com a Sra. White por sua própria escolha.

A alegação de que a Sra. White também foi criticada por Mary Clough, outra de suas assistentes literárias, não tem fundamento em documentos da época, mas é baseada unicamente numa declaração de memória feita por G. B. Starr muitos anos depois do ocorrido. Mary Clough era sobrinha de Ellen White, mas [p. 12] não era adventista do sétimo dia. Ela deixou o trabalho com Ellen White não por causa de qualquer crítica, mas porque escolheu não seguir as normas da casa na observância do sábado.

Marian Davis foi uma das mais importantes assistentes literárias de Ellen White. Como ela via essas questões?

Marian ouviu certa vez que Fannie Bolton disse haver recebido instruções para “preencher lacunas” num testemunho de Ellen White, de forma que o testemunho era virtualmente da Srta. Bolton. Marian respondeu:

Não posso imaginar que alguém que tenha estado ligado ao trabalho da Sra. White pudesse fazer tal declaração. Não consigo imaginar que alguém familiarizado com a maneira de escrever da Sra. White possa acreditar nisso. O peso que ela sente quando o caso de uma pessoa lhe é apresentado, a pressão intensa sob a qual trabalha, muitas vezes levantando-se à meia-noite para escrever as advertências que lhe são dadas, e muitas vezes por dias, semanas, ou até mesmo meses, escrevendo vez após vez a esse respeito, como se não pudesse se libertar do senso de responsabilidade por aquela alma – ninguém que tenha conhecido algo dessas experiências poderia acreditar que ela confiaria a outra pessoa a tarefa de escrever um testemunho.

Por mais de 20 anos tenho estado ligada ao trabalho da Sra. White. Durante esse tempo ela nunca me pediu nem para escrever um testemunho a partir de instruções orais, nem para preencher lacunas no que ela já havia escrito.¹¹⁵

Qual era o trabalho dos assistentes literários? Eles simplesmente corrigiam a ortografia e a pontuação?

W. C. White respondeu a essa questão numa carta de uma mulher que estava em dúvida quanto a se os pensamentos e expressões que ela lia nas obras publicadas de Ellen White eram realmente de sua autoria:

As secretárias e copistas que preparam os escritos de Mamãe para o prelo removem repetições para que o conteúdo possa caber no espaço designado. Corrigem a gramática e acertam o texto para publicação. Algumas vezes também deslocam os melhores pensamentos de um parágrafo para outro, mas não introduzem seus próprios pensamentos ao conteúdo. Os pensamentos e expressões que você menciona são realmente de Mamãe.¹¹⁶

Certa vez a Sra. White se referiu a Marian Davis como a sua “compiladora de livros” e então explicou:

Ela realiza seu trabalho desta maneira: Toma meus artigos que são publicados nas revistas e cola-os em livros em branco. Também possui uma cópia de todas as cartas que escrevo. Ao preparar um capítulo para um livro, Marian se lembra de que eu escrevi alguma coisa sobre esse ponto especial, que talvez torne o assunto mais convincente. Ela começa a procurá-lo, e se, ao encontrá-lo, percebe que isso tornará o capítulo mais claro, acrescenta-o a ele.

*Os livros não são produções de Marian, porém minhas, tirados de todos os meus escritos.*¹¹⁷

Contrariamente ao que diz *The White Lie*, a Sra. White estava no controle de seus escritos e do que era publicado em seu nome. Ela disse:

*Leio do princípio ao fim tudo que é copiado [de seus rascunhos escritos a mão], para cuidar que tudo esteja como deve estar. Leio todo o original do livro antes de ele ser enviado para o prelo.*¹¹⁸

As muitas cartas pessoais trocadas entre os assistentes literários, W. C. White, e Ellen White, não deixam dúvidas de que essa era de fato a maneira como as obras da Sra. White eram preparadas para publicação.¹¹⁹

NORMAS DE PESQUISA DO PATRIMÔNIO WHITE

The White Lie está repleto de críticas a respeito das normas restritivas de pesquisa do Patrimônio White. O que tem sido feito para facilitar a pesquisa e quais as restrições impostas?¹²⁰

Em 1982, quando da publicação de *The White Lie*, a pesquisa em materiais não publicados de Ellen White era orientada pelas normas dos “manuscritos liberados”. Essas normas cumpriam três propósitos:

- Familiarizavam os líderes da igreja com os materiais que entravam em circulação geral.
- Davam a certeza de que a carta ou a porção dela requisitada para liberação fosse acompanhada de um contexto suficiente para tornar claro o seu significado.
- Protegiam a privacidade dos pioneiros da obra e membros da igreja cujos erros ou pecados pudessem estar revelados nas mensagens confidenciais que Deus deu a Sua mensageira para ser transmitidas a eles.

Trabalhando sob essas normas, a pesquisa nas cartas e manuscritos de Ellen White era realizada por centenas de estudantes a cada ano. Todo mês a Comissão de Depositários do Patrimônio White aprovava a “liberação de manuscritos” a pedido de estudantes do seminário e de outros ao redor do

mundo. Seis Centros de Pesquisas Ellen G. White operavam em várias partes do mundo, encorajando o estudo nos materiais não-publicados de Ellen White.

Ao longo de todos estes anos, desde 1930, quando pela primeira vez educadores adventistas iniciaram cursos de pós-graduação, a equipe de trabalho do Patrimônio White tem encorajado e auxiliado as pesquisa daqueles que estão desenvolvendo suas dissertações de mestrado e teses doutorais. O reconhecimento disto pode ser encontrado nas páginas introdutórias de dezenas de tais documentos.

A partir de 1982, mais nove Centros de Pesquisas Ellen G. White foram estabelecidos em várias partes do mundo e uma terceira filial do White Estate foi aberta no Oakwood College em Huntsville, Alabama. (O Centro de Pesquisas da Universidade de Loma Linda tornou-se uma filial do White Estate em 1985.) Para facilitar a pesquisa nos materiais não-publicados, o White Estate está em vias de disponibilizar todas as cartas e manuscritos em CD-ROM, assim como foi feito com todas as suas obras publicadas.

Por que o estudo de McAdams sobre Huss não foi liberado? E quanto ao estudo similar de Ron Graybill sobre o material que a Sra. White escreveu a respeito de Martinho Lutero?¹²¹

A obra de Ron Graybill, *Analysis of E. G. White's Luther Manuscript*, foi anunciada no catálogo de documentos disponíveis do Patrimônio White e foi publicado para distribuição geral bem antes de *The White Lie* ser publicado. O estudo feito pelo Dr. McAdams do capítulo sobre Huss no livro *O Grande Conflito* também está disponível. O que não foi liberado para publicação foram várias das páginas do rascunho escrito por Ellen White do manuscrito de Huss que foi transcrito pelo Dr. McAdams. [p. 13] Esse material foi enviado a todos os Centros de Pesquisa Ellen G. White, onde podem ser examinados por qualquer pesquisador responsável. A razão pela qual não foi publicado é que ele foi preparado às pressas por Ellen White num período em que ela definitivamente não estava bem. Esse rascunho à mão é talvez o pior exemplar disponível de seus documentos escritos à mão. Se publicado, poderia dar uma visão distorcida da qualidade do seu trabalho. O trabalho dela no manuscrito sobre Lutero é mais representativo e assim foi publicado tanto em fac-símile como em transcrição datilografada no estudo de Graybill.

Alega-se que o Patrimônio White e a igreja tentaram "encobrir" o empréstimo literário da Sra. White. O que era conhecido no passado sobre esse assunto e o que tem sido compartilhado com a igreja?

Em 1933, W. C. White e D. E. Robinson, do White Estate, prepararam o documento "Brief Statements Regarding the Writings of Ellen G. White" (Breves Declarações Sobre os Escritos de Ellen G. White), que falava francamente sobre o uso de fontes por parte de Ellen White, até onde estas fontes eram conhecidas na época. Na Escola Bíblica Avançada, em 1935, W. C. White novamente discutiu o assunto, mencionando várias fontes. É

interessante que foi realizada uma pesquisa entre os ministros e professores que estiveram presentes a esta sessão de 1935.[122] Foi perguntado a eles que críticas feitas a Ellen White na época pareciam mais importantes. Quase todos eles queriam respostas para a acusação de que alguns de seus primeiros escritos haviam sido "tirados de circulação"[123] e também quase o mesmo número estava preocupado com a predição de 1856 de que alguns dos que estavam vivos na ocasião seriam transladados.[124] Só metade do grupo achava que seria importante responder à acusação de plágio. Se estas atitudes representavam a tendência geral, elas indicam que a questão dos empréstimos literários de Ellen White não constituíam uma prioridade tão elevada na igreja como hoje em dia.

Centenas de ministros que assistiram às aulas de Orientação Profética dadas por A. L. White no Seminário Teológico Adventista entre 1956 e 1971, e por Paul Gordon desde esse tempo ouviram o assunto discutido em classe.

Mais recentemente o panfleto de 1933, "Brief Statements," foi largamente distribuído como suplemento da *Adventist Review* e atualmente se encontra à disposição através do White Estate; o mesmo ocorre com as palestras de W. C. White dadas na Escola Bíblica Avançada.

Três volumosos capítulos sobre "Empréstimos Literários" foram publicados em 1951 no livro de F. D. Nichol, *Ellen G. White and Her Critics*. Até recentemente, contudo, a extensão dos empréstimos literários não era conhecida dos depositários do Patrimônio White. Embora o assunto não fosse enfatizado, de tempos em tempos o que era conhecido era comunicado à igreja, e novas informações continuarão a ser colocadas à disposição.

AS QUESTÕES BÁSICAS

Como uma pessoa deve decidir se crê no livro *The White Lie* ou se aceita Ellen G. White como uma genuína receptora do dom profético?

Quando a Majestade do Universo criou os homens e as mulheres, dotou-os do poder de escolha. O que está em jogo é: como eles fazem essa escolha? A escolha deve estar baseada, não numa exibição passageira de retórica, mas no peso da evidência. No assunto em consideração enfrentamos, por um lado, alguns fatos misturados com muitas afirmações e acusações sem fundamento; por outro lado, temos o quadro bem documentado do desenvolvimento de uma igreja fundamentada na Palavra de Deus e nutrida, guiada e protegida pelo Espírito Santo através do dom de profecia manifestado na obra de Ellen G. White, que fez parte do grupo de seus fundadores e pioneiros.

Todo adventista do sétimo dia, do passado ou do presente, já teve de lidar com a seguinte pergunta: Ellen White realmente falou da parte de Deus, como ela própria e a igreja afirmam? Aceitar esta afirmação nem sempre é fácil. Afinal de contas, há preceitos e conselhos nos livros de Ellen White que conclamam a uma mudança na maneira de viver e pensar. Há diretrizes para

uma boa saúde. Há conselhos sobre como desenvolver um caráter que represente corretamente o Cristo que nos salvou e nos prometeu o poder transformador de Seu Santo Espírito. O pecado é apontado e reprovado. Não é fácil ou agradável mudar nosso modo de vida. Mas os profetas de Deus, ao comunicarem Suas mensagens, também não reprovavam sempre o pecado e chamavam Seu povo a um padrão de vida mais elevado?

Da mesma forma que com a Bíblia, há coisas nos Escritos de Ellen White que são “difíceis de entender”! Mas as evidências da inspiração de Ellen White brilham por toda parte.

Que evidências há da inspiração de Ellen White?

A Palavra de Deus nos chama a examinar as reivindicações de alguém que professe falar da parte de Deus, e estabelece vários testes. Entre os principais está: “Pelos seus frutos os conhecereis” (Mat. 7:16). Ao olharmos para os frutos do ministério de Ellen White, o que vemos na vida dela e na vida dos que levaram a sério as reivindicações dela? Quais são os frutos?

Vemos um povo, no início da experiência da igreja, que recebeu certeza, foi estabilizado e unificado na compreensão de profecias cumpridas e em posições doutrinárias – posições baseadas na Palavra de Deus, mas atestadas pelo Espírito. Através das visões o Senhor esclareceu a verdade e apontou o erro.

Vemos um povo levado a compreender o grande conflito dos séculos entre Cristo e Satanás e a ver o lugar que ocuparão nas cenas finais e a recompensa que herdarão por sua fé e lealdade a Cristo.

Vemos uma igreja emergindo com ensinamentos e organizações unificados em todo o mundo, e um acelerado senso de responsabilidade em atividades de publicação, médicas e educacionais, culminando com uma distinta visão de responsabilidade na pregação do evangelho e uma dedicação financeira incomparável para cumpri-la.

Vemos um povo feliz em seu conhecimento maduro do plano da salvação, confiante de sua aceitação em Cristo, e ciente do significado do ministério de nosso Senhor em nosso favor no santuário celestial.

O que motivou Ellen White a servir como mensageira de Deus? Foi riqueza ou fama?

Não. Ela viveu uma vida de abnegação. Conquanto se mantivesse e mantivesse sua obra com o salário de um ministro e com os modestos royalties de seus escritos, não considerava sua renda como lhe pertencendo. Tudo o que não era usado para suas necessidades, ela colocava na causa à qual servia. Por ocasião de sua morte não deixou grande patrimônio. Até hipotecou a renda potencial de suas produções literárias, que somava quase cem mil dólares, a fim de ter meios para publicar seus últimos livros e promover a causa de Deus.

De [p. 14] sua experiência financeira, ela escreveu certa vez: "O Senhor viu que podia nos confiar seus recursos. ... Ele continuou vertendo, e nós continuamos deixando extravasar." [125]

Era notoriedade ou fama que ela buscava? Não. Ela achava a vida pública difícil. Sobrecarregada com a responsabilidade de apresentar testemunhos pessoais de advertência e reprovação, ela declarou certa vez: "Tem sido difícil para mim o dar as mensagens que Deus me deu para aqueles que amo." [126] Em outro momento de seu ministério ela declarou que se fosse dada a escolha de ter outra visão ou ir para a sepultura, ela escolheria a sepultura. Ela provou a experiência mencionada pelo Mestre, de que "não há profeta sem honra senão na sua terra" (Mat. 13:57).

Qual então era sua motivação? Era seguir o mandado do Senhor e servir como Sua mensageira, sem considerar custos ou recompensas, sempre ansiosa para salvar almas para o reino de Deus. Era ouvir afinal as palavras: "Bem está."

E o que dizer das produções literárias de Ellen White, suas qualidades e seus frutos?

Elas se encontram no mais alto plano. Sobre este ponto, Urias Smith, um editor e companheiro de obra, declarou:

- 1. Eles se inclinam para a mais pura moralidade. Desabonam todo vício, e exortam à prática de toda virtude.*
- 2. Eles levam a Cristo. Como a Bíblia, apresentam-no como a única esperança e o Salvador da humanidade*
- 3. Eles nos levam à Bíblia. Apresentam esse Livro como a inspirada e inalterável Palavra de Deus.*
- 4. Têm trazido conforto e consolo a muitos corações. Têm fortalecido os fracos, encorajado os débeis, despertado os desanimados. Têm trazido ordem à confusão, retificado os caminhos tortuosos, e lançado luz no que era sombrio e obscuro.* [127]

Como é que centenas têm sido levados ao Salvador através da leitura de *O Desejado de Todas as Nações*, *Caminho a Cristo* e *O Grande Conflito*? Como é que o livro *A Ciência do Bom Viver*, publicado em 1905, nunca teve de ser revisado, enquanto que os livros médicos sobrevivem apenas uma década ou duas?

Por ocasião da morte de Ellen White, o sério jornal semanal, *The Independent*, publicado na cidade de Nova Iorque, traçou os pontos altos da experiência de Ellen White num artigo intitulado "Uma Profetisa Americana". Então, falando dos frutos de seu ministério da igreja adventista do sétimo dia, o jornal declarou:

Estes ensinamentos foram baseados na mais exata doutrina das Escrituras. O Adventismo do Sétimo Dia não podia ser obtido de nenhuma outra forma. E o

dom de profecia devia ser esperado conforme fora prometido à "igreja remanescente" que se havia apegado firmemente à verdade. Esta fé deu grande pureza de vida e zelo incessante. Nenhuma corpo de cristãos os excede em caráter moral e fervor religioso.[128]

Que dizer do ministério público de Ellen White?

Os registros mostram que ela era uma oradora pública muito requisitada, tanto dentro quanto fora das fileiras adventistas. Ela era freqüentemente a oradora do sábado de manhã nas sessões da Associação Geral, dirigindo-se a milhares de pessoas, colocando-se diante delas sem anotações, e era uma oradora favorita nas reuniões campais, sessão após sessão.

Em reuniões evangelísticas na América e além-mar ela conservava o auditório, freqüentemente composto em grande parte por não-adventistas, encantado por uma hora ou uma hora e meia, quase sempre falando sem anotações. Em 1876, antes da era dos microfones, ela se dirigiu a cerca de vinte mil pessoas que se reuniram numa reunião campal em Groveland, Massachussets, e conseguiu que o auditório a ouvisse. No encerramento da reunião, ela foi convidada a ir a uma cidade próxima na noite seguinte para falar numa reunião de temperança num auditório público.

Que dizer de Ellen White como conselheira requisitada?

Dirigentes da igreja, desde o presidente da associação local e os diretores de instituições até o presidente da Associação Geral, por carta ou pessoalmente, vinham a ela em busca de conselhos e orientações para o cumprimento de suas responsabilidades e para a tomada de importantes decisões. Ela não tinha nenhum livro para consultar. Os assuntos discutidos variavam grandemente. Mas eles nunca foram desapontados nos resultados de seguirem o conselho que receberam da pena ou dos lábios dela.

Após narrar novamente uma experiência de prosperidade que veio à obra ao serem seguidos os conselhos do Senhor dados através de Ellen White, A. G. Daniells, que foi por muitos anos presidente da Associação Geral, exclamou:

Em tudo isto vemos o grande valor do Espírito de Profecia às pessoas na causa de Deus. Ele dá luz e compreensão que vão muito além da compreensão humana. Leva-nos a grandes empreendimentos dos quais fugiríamos porque não vemos o futuro nem a plena importância do que somos chamados a fazer.[129]

O Pastor Daniells, próximo ao final de sua vida, deu este solene testemunho:

Neste presente ano do Senhor de 1935, a Sra. White já está no repouso há vinte anos, enquanto eu continuo labutando. Passei 23 anos observando diretamente a obra de sua vida. Desde sua morte tenho tido 20 anos a mais para cuidadosa reflexão e estudo daquela vida e de seus frutos.

Agora, em idade avançada, tendo a obrigação de expressar apenas a verdade sóbria e honesta, posso dizer que tenho a profunda convicção de que a vida da Sra. White transcende em muito a vida de qualquer pessoa que eu já tenha conhecido ou com quem tenha estado associado. Ela era uniformemente agradável, alegre e corajosa. Nunca era descuidada, frívola, ou de alguma forma vulgar em sua conversa ou maneira de viver. Ela era a personificação do sério fervor quanto às coisas do reino. Nem uma só vez a vi gabar-se do gracioso dom que Deus havia conferido a ela, ou dos maravilhosos resultados de seus esforços. Ela com certeza se regozijava nos frutos, mas dava toda a glória Àquele que operava através dela.[130]

A ESCOLHA É NOSSA

E assim, tendo o poder de escolha que Deus nos concedeu e as evidências diante de nós, precisamos, como adventistas do sétimo dia, fazer nossa decisão. O Senhor dá evidência suficiente para todos os que desejam conhecer a verdade, mas nunca irá compelir ninguém a crer. Devemos ponderar cuidadosamente as palavras:

Deus não Se propõe a remover toda ocasião para descrença. Ele dá evidências, que devem ser cuidadosamente investigadas com uma mente humilde e espírito disposto a aprender, e todos devem decidir a partir do peso das evidências. Deus dá evidências suficientes para que a mente honesta creia; mas aquele que volta as costas para o peso das evidências porque há algumas coisas que não estão claras a seu entendimento finito será deixado na fria e enregelante atmosfera da descrença e dos questionamentos duvidosos, e naufragará na fé.[131]

George I. Butler resumiu a influência positiva das visões de Ellen White na igreja:

Elas sempre foram tidas em alta estima pelos mais zelosos e humildes dentre nosso povo. Elas têm exercido uma influência orientadora sobre nós desde o princípio. Elas chamaram primeiro a atenção, antecipadamente, para todos os avanços importantes que fizemos. Nossa obra de publicações, o movimento de saúde e temperança, o Colégio e a causa da educação avançada, o empreendimento missionário, e muitos outros pontos importantes, devem sua eficiência em grande parte a esta influência. Descobrimos através de uma longa, variada e, em alguns casos, triste experiência, o valor do conselho proporcionado por elas. Quando demos ouvidos a elas, prosperamos; quando fizemos pouco caso delas, sofremos grande perda.[132]

PARA ESTUDO ADICIONAL

[Nota: Os documentos abaixo marcados com duplo asterisco (**) estavam disponíveis por ocasião da publicação deste estudo, em 1981,

mas hoje já não são mais publicados. Contudo, estão sendo preparados para estar à disposição, on-line, neste site.]

"Addresses to Faculty and Students at the 1935 Advanced Bible School," (Palestras para o corpo docente e os estudantes da Escola Bíblica Avançada de 1935), por W.C. White. Atualmente intitulado "How Ellen White's Books Were Written" (Como foram escritos os livros de Ellen White), 37 pp. \$1.50

**"Analysis of Ellen G. White's Luther Manuscript," (Análise do Manuscrito de Ellen White a respeito de Lutero), por Ron Graybill. 31pp.

"A Bibliography of E. G. White's Private and Office Libraries" (Uma bibliografia da biblioteca particular e do escritório de Ellen G. White). Compilada por Warren H. Johns, Tim Poirier, e Ron Graybill. Esta bibliografia foi elaborada a partir dos inventários que foram feitos da biblioteca particular e do escritório de Ellen G. White, por ocasião de sua morte em 1915. 63 pp. \$2.00

"Brief Statements Regarding the Writings of Ellen G. White," (Breves declarações quanto aos escritos de Ellen G. White), por W. C. White e D. E. Robinson. 16 pp. \$.80

"Common or Uninspired Writings," (Escritos comuns ou não-inspirados), por Arthur L.White. 6 pp. \$.30

**"A Comparison of Attitudes Between Those Who Read Ellen White and Those Who Do Not" (Uma comparação entre aqueles que lêem Ellen White e aqueles que não lêem), por Roger L. Dudley e Des Cummings, Jr. 45 pp.

**"Did *The Great Controversy* Contain Stolen Illustrations?" (*O Grande Conflito* continha ilustrações roubadas?), por Ron Graybill. 2 pp.

**"Ellen G. White's Literary Work: An Update" (A obra literária de Ellen G. White: uma atualização), por Ron Graybill. Uma transcrição editada e anotada de uma gravação em fita de palestras de Ron Graybill nos devocionais matutinos da Associação Geral, de 15 a 19 de novembro de 1981. 45 pp.

"Ellen G. White and the Shut Door" (Ellen G. White e a porta fechada).

a. A Statement prepared by Arthur L. White (Uma declaração preparada por Arthur L. White). 62 pp. \$2.00

b. Dez artigos da *Review and Herald*, de George I. Butler, narrando os inícios do movimento adventista. 20 pp. \$1.00

**"Ellen White's Theological and Literary Indebtedness to Calvin Stowe" (A dependência teológica e literária de Ellen White em relação a Calvin Stowe), por David Neff. 22 pp.

**"Ellen G. White's Use of Uninspired Sources" (O uso de fontes não-inspiradas por Ellen White), de R. W. Olson. 19 pp.

"The Fannie Bolton Story: A Collection of Source Documents" (A história de Fannie Bolton: uma coleção de documentos informativos). Todas as cartas conhecidas de Ellen White, Fannie Bolton e seus associados, que têm relação com o trabalho de Fannie Bolton para Ellen White e com as atitudes dela relacionadas a esse trabalho, estão reunidas nesta abarcante coleção. 128 pp. \$3.50

**"Henry Melvill and Ellen G. White: A Study in Literary and Theological Relationships" (Henry Melvill e Ellen G. White: um estudo das relações literárias e teológicas). Relatório interino de um projeto de estudo cooperativo empreendido por Ron Graybill, Warren H. Johns, e Tim Poirier, no qual é

examinado o uso seletivo que Ellen White faz do livro de sermões do clérigo anglicano Henry Melvill. 107 pp.

***"The History of the Discovery of Literary Borrowing" (A história da descoberta dos empréstimos literários), de Warren H. Johns. 3 pp.

"How *The Desire of Ages* Was Written" (Como foi escrito *O Desejado de Todas as Nações*). Uma coleção de documentos informativos relacionados à preparação de *O Desejado de Todas as Nações*. 47 pp. \$1.00

"Inspiration and the Ellen G. White Writings" (A inspiração e os escritos de Ellen G. White), de Arthur L. White. Uma reimpressão de artigos publicados na *Adventist Review* sobre o assunto da inspiração e o preparo da "Série Conflito dos Séculos". 39 pp. \$1.60

***"The Literary Relationship Between *The Desire of Ages* by Ellen G. White and *The Life of Christ* by William Hanna, Parts I & II" (A relação literária entre *O Desejado de Todas as Nações* de Ellen G. White e *A Vida de Cristo* de William Hanna, Partes I & II), de Raymond F. Cottrell e Walter F. Specht. 85 pp.

***"Memorandum of Law: Literary Property Rights; 1790-1915" (Parecer legal: direitos de propriedade literária entre 1790 e 1915), de Vincent Ramik. Disponível pelo Ellen G. White Estate. 17 pp.

"The 1907 Interview with John Harvey Kellogg" (A entrevista de 1907 com John Harvey Kellogg) de Tim Poirier. Recapitulação de algumas das acusações feitas pelo Dr. Kellogg contra os testemunhos, inclusive a dos "edifícios de Chicago". 11 pp. \$.50

***"The 1919 Bible Conference and Bible and History Teachers' Council" (A conferência bíblica e concílio dos professores de história, realizada em 1919), de R. W. Olson. 10 pp.

"One Hundred and One Questions on the Sanctuary and on Ellen White" (Cento e uma perguntas sobre o santuário e sobre Ellen White), de R. W. Olson. 112 pp. \$1.00

"The Shut Door Documents" (Os documentos sobre a porta fechada). Declarações relacionadas à porta fechada, feitas por Ellen G. White e outros nos primeiros tempos do adventismo. Arranjadas em ordem cronológica de 1844 a 1851. Compiladas por Robert W. Olson. 58 pp. \$2.00

"Sources or Aids--Why Did Ellen G. White Borrow?" (Fontes de consulta ou auxílios – por que Ellen White fez empréstimos literários?) de Paul Gordon. 14 pp. \$.50

***"To Those Who Are Perplexed...." (Para aqueles que estão perplexos...) Reposta de Ellen White a perguntas levantadas por seus críticos, inclusive "O livro azul". Da autoria de Tim Poirier. 4 pp.

"Was Ellen G. White a Plagiarist?" (Ellen White foi uma plagiária?) Reimpressão de artigos publicados na *Adventist Review* de 17 de setembro de 1981, trazendo uma entrevista com o advogado Vincent L. Ramik. 8 pp. \$.50

Cópias destes documentos podem ser obtidas no Ellen G. White Estate, 12501 Old Columbia Pike, Silver Spring, MD 20904, por \$1.00.

Referências:

[*] Citações formais foram colocadas em itálico ao longo desse documento.

-
- ¹ Des Cummings, Jr. and Roger L. Dudley, "A Comparison of the Christian Attitudes and Behaviors Between Those Adventist Church Members Who Regularly Read Ellen White Books and Those Who Do Not," abril de 1982. Disponível no Patrimônio White.
- ² Walter T. Rea, *The White Lie* (Turlock, CA: M & R Publications, 1982), 409 pp.
- ³ *Ibid.*, p. 191.
- ⁴ *Ibid.*, p. 32.
- ⁵ *Ibid.*, p. 35.
- ⁶ *Ibid.*, p. 38.
- ⁷ *Ibid.*, p. 45.
- ⁸ Ver "Ellen G. White Book and Pamphlet Titles," abril de 1982. Disponível no Patrimônio White.
- ⁹ Ver Neal C. Wilson, "This I Believe About Ellen G. White," *Adventist Review*, 20 de março de 1980, pp. 8-10.
- ¹⁰ *Ministry*, junho de 1982, pp. 4-19.
- ¹¹ Ver Robert M. Fowler, "Using Literary Criticism on the Gospels," *The Christian Century*, 26 de maio de 1982, pp. 626-629.
- ¹² *The White Lie*, p. 136.
- ¹³ *The White Lie*, p. 203, menciona a acusação, mas não o contexto histórico. Ver Ron Graybill, "D. M. Canright in Healdsburg: The Genesis of the Plagiarism Charge," *Insight*, 21 de outubro de 1980, pp. 7-10.
- ¹⁴ Com relação a Bunyan, ver William York Tindall, *John Bunyan: Mechanick Preacher* (New York: Russell & Russell, Inc., 1964), pp. 194ff. Com relação a Wesley, ver Donald H. Kirkham, "John Wesley's 'Calm Address': The Response of the Critics," *Methodist History*, outubro de 1975, pp. 13-23.
- ¹⁵ Citado em Joseph P. Lash, *Helen and Teacher* (New York: Delacorte Press/Seymour Lawrence, 1980), p. 146.
- ¹⁶ Ver George Hatvary, "Notes and Queries," *American Literature*, novembro de 1966, pp. 365-372.
- ¹⁷ *The White Lie*, p. 224. Ver [Uriah Smith], *Review and Herald*, 6 de setembro de 1864, p. 120.
- ¹⁸ Ver Merwin R. Thurber, "Uriah Smith and the Charge of Plagiarism," *Ministry*, junho de 1945, pp. 15, 16.
- ¹⁹ *The White Lie*, pp. 110, 112.
- ²⁰ D. E. Robinson e W. C. White, "Brief Statements Regarding the Writings of Ellen G. White" (St. Helena, CA, escritório de "Elmshaven", agosto de 1933, reimpresso, 1981), p. 11. Reimpressão disponível no Patrimônio White.
- ²¹ Citado em Francis D. Nichol, *Ellen G. White and Her Critics* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1951), pp. 455-457.
- ²² Ver "Was Ellen G. White A Plagiarist?" uma reimpressão de artigos publicados na *Adventist Review* de 17 de setembro de 1981. Disponível no Patrimônio White. Ver também nota 38 abaixo.
- ²³ *The White Lie*, pp. 77-81.
- ²⁴ *Ibid.*, pp. 147-161.
- ²⁵ E. S. Ballenger, ed., *The Gathering Call*, setembro de 1932, pp. 19, 20.
- ²⁶ Ver Ron Graybill, "Did *The Great Controversy* Contain Stolen Illustrations?" Disponível no Patrimônio White.
- ²⁷ *The White Lie*, pp. 136, 137, 200, 222-224, 363-365, 371-373.
- ²⁸ "Brief Statements," p. 7.
- ²⁹ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, p. xiv.
- ³⁰ Ron Graybill, "Analysis of E. G. White's Luther Manuscript," p. 1. Disponível no Patrimônio White.
- ³¹ *The White Lie*, pp. 112, 120, 127, 167, 200.
- ³² Ellen G. White, "Testimonials," *Signs of the Times*, 22 de fevereiro de 1883, p. 96.
- ³³ Ellen G. White, "Holiday Gifts," *Review and Herald*, 26 de dezembro de 1882, p. 789.
- ³⁴ Ver por exemplo Ellen G. White, "Proper Education," *The Health Reformer*, julho de 1873, p. 221, onde ela diz: "Fico satisfeita em encontrar o seguinte na inestimável obra do Rev. Daniel Wise, intitulada **The Young Lady's Counselor**, A.M.; e pode ser obtida em qualquer livraria metodista [sic]."

-
- ³⁵ Carta 7, 1894.
- ³⁶ Manuscrito 25, 1890.
- ³⁷ "Brief Statements," p. 8.
- ³⁸ Ver Vincent L. Ramik, "Memorandum of Law: Literary Property Rights, 1790-1915," pp. 5-7. Em *Greene versus Bishop* (1858) a decisão da corte declarou que *todas as autoridades ... afirmam a doutrina de que, se for extraída uma porção tal que faça com que o valor do original seja sensível e materialmente diminuído, ou se os esforços do autor original forem substancialmente apropriados por outra pessoa num grau prejudicial, tal extração ou apropriação é suficiente, do ponto de vista legal, para manter a ação judicial*. O relatório completo de Ramik pode ser obtido no Patrimônio White.
- ³⁹ *The White Lie*, pp. 50, 70, 115.
- ⁴⁰ Manuscrito 7, 1867, ver também Ellen G. White, "Questions and Answers," *Review and Herald*, 30 (8 de outubro de 1867), p. 260.
- ⁴¹ *Ibid.*
- ⁴² Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, vol. 5, p. 67.
- ⁴³ Carta 37, 1887.
- ⁴⁴ *The White Lie*, pp. 53, 391.
- ⁴⁵ Ron Graybill, "The 'I Saw' Parallels in Ellen White's Writings," *Adventist Review*, 29 de julho de 1982, pp. 4-6.
- ⁴⁶ Arthur L. White, *Ellen G. White: The Early Elmshaven Years* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1981), p. 301.
- ⁴⁷ *The White Lie*, pp. 46, 139.
- ⁴⁸ Ver *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 7, pp. 706, 708; Robert W. Olson, *One Hundred and One Questions on the Sanctuary and on Ellen White*, pp. 105-107.
- ⁴⁹ *The White Lie*, p. 139.
- ⁵⁰ Ver W. C. White, "O Grande Conflito – Edição de 1911," em Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 3, pp. 433-440; Ron Graybill, "How Did Mrs. White Choose and Use Her Historical Sources," *Spectrum*, verão de 1972, pp. 49-53.
- ⁵¹ *The White Lie*, pp. 200-204.
- ⁵² Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 39.
- ⁵³ Arthur L. White, *The Ellen G. White Writings* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1973), pp. 46, 47; *Comprehensive Index to the Writings of Ellen G. White*, vol. 1 (Mountain View, Calif.: Pacific Press, 1962), p. 182.
- ⁵⁴ *The White Lie*, pp. 200-201.
- ⁵⁵ Uriah Smith, "Personal," *Review and Herald Extra*, 22 de novembro de 1887, p. 15.
- ⁵⁶ *The White Lie*, pp. 33, 66, 133, 200.
- ⁵⁷ Elizabeth Burgeson, "A Comparative Study of the Fall of Man as Treated by John Milton and Ellen G. White" (Dissertação de Mestrado, Pacific Union College, 1957). Burgeson notou a similaridade entre Ellen White e John Milton a respeito de informação extra-bíblica, e se perguntou como dois autores que teriam vivido com cem anos de diferença um do outro, poderiam concordar entre si. Mas mesmo sendo demonstrada uma dependência literária direta, não se pode dizer que a Sra. White realmente tenha lido o poema de Milton. As idéias de Milton, o grande poeta puritano, permeou a teologia da Nova Inglaterra por gerações. O fato de a Sra. White utilizar uma frase de Milton em sua obra *Educação*, p. 150 [como notado por A. L. White, "Supplement to the Reprint Edition: Ellen G. White's Portrayal of the Great Controversy Story," em Ellen G. White, *Spirit of Prophecy*, vol. 4 (Washington, D.C.: Review and Herald, 1969 reimpresso), p. 536], não faz disso um indicativo de dependência literária, uma vez que frases memoráveis de Milton eram tão correntes em seu tempo quanto as de Shakespeare.
- ⁵⁸ J. N. e Angeline Andrews para James e Ellen White, 2 de fevereiro de 1862, citado em Ron Graybill, "John Nevins Andrews as a Family Man," p. 16.
- ⁵⁹ J. N. Andrews, "The Labors of Bro. and Sr. White," *Review and Herald*, 3 de março de 1868, p. 184.
- ⁶⁰ J. N. Andrews, "Our Use of the Visions of Sr. White," *Review and Herald*, 15 de fevereiro de 1870, p. 65.
- ⁶¹ *The White Lie*, pp. 114, 202.

-
- ⁶² Ver "Veteran Chief of Adventist Attacks Foes," e "Acrid Debate Change [sic] Leader," *San Francisco Chronicle*, c. 23 de maio de 1922; Claude Holmes para A. G. Daniells, 1º de maio de 1922 (carta aberta); "An Interview With J. S. Washburn," 4 de junho de 1950, Document File #242; J. S. Washburn para A. L. White, 7 de outubro de 1948; "General Conference Proceedings: Seventeenth Meeting," *Review and Herald*, 24 de maio de 1922, p. 228.
- ⁶³ "Parting Interview Between W. C. White and A. G. Daniells," 20 de março de 1935, Document File #312-C.
- ⁶⁴ *The White Lie*, pp. 119, 203.
- ⁶⁵ O Espírito Santo exalta e glorifica o Salvador. Sua missão é apresentar a Cristo. . . . Ellen G. White, *Caminho a Cristo*, p. 91.
- ⁶⁶ *The White Lie*, p. 203, identifica Lacey como um professor de Bíblia em cinco escolas adventistas. No entanto, ele não era o professor de Bíblia em Avondale na ocasião em que esses fatos ocorreram.
- ⁶⁷ H. C. Lacey to Samuel Kaplan, 24 de julho de 1936.
- ⁶⁸ *Ibid.*
- ⁶⁹ *The White Lie*, p. 199.
- ⁷⁰ Uma declaração feita por W. C. White antes do Concílio da Associação Geral em 30 de outubro de 1911, citado em Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 3, p. 437.
- ⁷¹ Acreditamos que a luz dada por Deus a Seus servos é pela iluminação da mente, comunicando assim os pensamentos, e não (exceto em raros casos) as próprias palavras nas quais as idéias devem ser expressas.... *Review and Herald*, 27 de novembro de 1883, p. 741.
- ⁷² W. C. White para L. E. Froom, 8 de Janeiro de 1928, citado em *Mensagens Escolhidas*, vol. 3, pp. 454, 455.
- ⁷³ *The White Lie*, pp. 124, 34, 59, 96.
- ⁷⁴ Ellen G. White, *O Grande Conflito*, pp. v, vii.
- ⁷⁵ *Ibid.*, p. x.
- ⁷⁶ Tiago White, *A Word to the Little Flock* (1846), p. 13.
- ⁷⁷ Urias Smith, "Do We Discard the Bible by Endorsing the Visions?" *Review and Herald*, 13 de janeiro de 1863, p. 52. Smith passa então a provar que a Bíblia ensina a continuação dos dons nos últimos dias, obrigando-nos a aceitar tais manifestações genuínas se desejamos realmente nos firmar sobre a Bíblia e a Bíblia somente.
- ⁷⁸ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 38.
- ⁷⁹ Carta 27, 1876.
- ⁸⁰ Ellen G. White, *Sketches from the Life of Paul*, p. 214.
- ⁸¹ W. C. White como citado em Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 3, p. 462.
- ⁸² W. C. White, *Ibid.*, p. 446
- ⁸³ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 3, pp. 48-86.
- ⁸⁴ *The White Lie*, pp. 32, 34, 37, 57, 138, 141, 164, 271.
- ⁸⁵ Ver a *Ciência Médica e o Espírito de Profecia* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1973), para mais informações sobre esse assunto.
- ⁸⁶ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, p. 16; cf. Henry Melvill, *Sermons* (New York: Stanford and Swords, 1844), p. 131.
- ⁸⁷ Ron Graybill, "Ellen G. White's Literary Work: An Update," pp. 31, 32.
- ⁸⁸ *The White Lie*, pp. 170, 208, 211-213.
- ⁸⁹ Ellen G. White, *Life Sketches*, p. 89.
- ⁹⁰ Nichol, *op. cit.*, pp. 57, 58.
- ⁹¹ *The White Lie*, p. 47.
- ⁹² Ver W. C. White, "Sketches and Memories of James and Ellen G. White," *Review and Herald*, 14 de março de 1935, p. 10; A. W. Spalding, *Origin and History of Seventh-day Adventists*, vol. 1 (Washington, D.C.: Review and Herald, 1961), p. 78, nota 13.
- ⁹³ George Thomas Little, *The Descendants of George Little* (Auburn, Me.: The Author, 1882), pp. 290, 291.
- ⁹⁴ *The White Lie*, pp. 60, 170.
- ⁹⁵ Carta 120, 1906.
- ⁹⁶ Manuscrito 61, 1906.

-
- ⁹⁷ Carta 180, 1906.
- ⁹⁸ Ver Ellen G. White, "A Messenger," *Review and Herald*, 26 de julho de 1906, pp. 8, 9; "Hold Fast the Beginning of Your Confidence," *Ibid.*, 9 de agosto de 1906, p. 8; "Correct Views Concerning the Testimonies," *Ibid.*, 30 de agosto de 1906, pp. 8, 9, e 6 de setembro de 1906, pp. 7, 8.
- ⁹⁹ Manuscrito 61, 1906.
- ¹⁰⁰ Manuscrito 33, 1906.
- ¹⁰¹ Carta de W. C. White para os pastores Daniells, Prescott and Irwin, 13 de julho de 1906.
- ¹⁰² Carta 120, 1906.
- ¹⁰³ Carta de W. C. White para C. E. Stewart, 9 de junho de 1907.
- ¹⁰⁴ Ver Ellen G. White, "Our Present Position," *Review and Herald*, Aug. 28, 1883, pp. 1, 2.
- ¹⁰⁵ "A Statement Refuting Charges Made by A. T. Jones Against the Spirit of Prophecy and the Plan of Organization of the Seventh-day Adventist Denomination" (Washington, D.C.: General Conference Committee, maio de 1906).
- ¹⁰⁶ Carta 224, 1906.
- ¹⁰⁷ *Ibid.*
- ¹⁰⁸ *The White Lie*, pp. 37-43.
- ¹⁰⁹ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, livro 1, p. 74.
- ¹¹⁰ Uriah Smith, "Wroth with the Woman." Rev. 12:17." *Review and Herald*, 17 de agosto de 1876, p. 60.
- ¹¹¹ *The White Lie*, p. 281.
- ¹¹² Carta de Marian Davis para W. C. White, 9 de agosto de 1897.
- ¹¹³ Arthur L. White, "The Story of Prophets and Kings," *Adventist Review*, 25 de junho de 1981, pp. 10-13.
- ¹¹⁴ *The White Lie*, pp. 116, 201, 202.
- ¹¹⁵ Carta de Marian Davis para G. A. Irwin, 23 de abril de 1900.
- ¹¹⁶ Carta de W. C. White para Julia Malcolm, 10 de dezembro de 1894.
- ¹¹⁷ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, livro 3, p. 91.
- ¹¹⁸ *Ibid.*, p. 90.
- ¹¹⁹ Veja "How The Desire of Ages was Written," para uma extensa coleção de tais correspondências. Disponível pelo Patrimônio White.
- ¹²⁰ *The White Lie*, pp. 32, 59, 84, 87, 163, 197, 198, 200, 205, 218.
- ¹²¹ *The White Lie*, pp. 84, 85, 164.
- ¹²² Tim Poirier, "Results of a Survey Conducted at the 1935 Advanced Bible School." Disponível pelo Patrimônio White.
- ¹²³ As acusações sobre tirar de circulação, na década de 1930, estavam particularmente relacionadas a *Spiritual Gifts*, vol. 1, e *A Word to the Little Flock*. Estas duas publicações antigas foram desde então reimpressas e estão à disposição nos Adventist Book Centers.
- ¹²⁴ Ellen White fornece uma solução para esta dificuldade em *Mensagens Escolhidas*, livro 1, pp. 66-69.
- ¹²⁵ Manuscrito 3, 1888.
- ¹²⁶ Carta 59, 1895.
- ¹²⁷ Uriah Smith, "The Visions--Objections Answered," *Review and Herald*, 12 de junho de 1866, p. 9.
- ¹²⁸ *The Independent*, 23 de agosto de 1915, pp. 249, 250.
- ¹²⁹ A. G. Daniells, *The Abiding Gift of Prophecy* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1936), p. 321.
- ¹³⁰ *Ibid.*, p. 368.
- ¹³¹ Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja*, vol. 5, pp. 675, 676.
- ¹³² George I. Butler, "The Visions," suplemento da *Review and Herald* de 14 de agosto de 1883, pp. 11, 12, citado em *Witness of the Pioneers Concerning the Spirit of Prophecy* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1961), p. 48.